



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

ESCOLA DE BELAS ARTES

SURIA SEIXAS NEIVA

**REPENTE PUNK, MODA CANGACEIRA:
PROJETO EXPERIMENTAL EM DESIGN DE MODA**

Salvador

2011

SURIA SEIXAS NEIVA

**REPENTE PUNK, MODA CANGACEIRA:
PROJETO EXPERIMENTAL EM DESIGN DE MODA**

Memorial apresentado ao Curso de Graduação em Design da Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Design.

Orientadora: Prof^a. Msc. Caroline Barreto de Lima

Salvador

2011

À minha família, a de origem e a que eu criei: pelo amor, carinho e apoio constante.

Às minhas avós, que costuravam por fé e por capricho, e que me deram as sementes.

Ao Tempo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu filho Caian, que acha maravilhoso tudo o que eu faço. Ao meu esposo, Kristian, junto ao meu lado para o que der e vier em todos os momentos, apoiando, conduzindo e reforçando minha vontade. À minha mãe, por acreditar e se empenhar em me ajudar a concretizar. Ao meu pai, por achar engraçado eu estar “metida nesse negócio de moda.” À minha irmã, pelo afeto. Aos meus sogros, que me dão palavras de incentivo e se importam.

Às minhas avós, tão lindas e talentosas e aos meus queridos avôs, *in memoriam*.

Minha amizade e gratidão a toda Escola de Belas Artes, que pôde transformar minha vida: professores e mestres, veteranos e calouros, amigos, colegas, funcionários – todos.

Agradeço a Carol Barreto, por ter trilhado os caminhos que trilhou, e que hoje me conduz, sempre entusiasmada, através deles: agradecer ao pioneirismo generoso é aprender com seus passos. Aos meus sempre ativos e queridos professores das disciplinas de Projeto: Alessandro Faria, Fábio Couto, Paulo Souza, e o mais novo e brilhante professor, André Dias: minha gratidão pelas suas entregas de vida ao Design, cada qual a seu modo, e que ensinam tanto pela teoria quanto por seus corações. Minha também professora e também exemplo de mulher e designer que realiza seus sonhos, e que posso chamar de amiga, Leila da Cruz, minha gratidão por sua presença atenciosa e incentivadora em minha vida.

À minha querida Márcia, pelo esmero, amizade, e dedicação nas linhas.

Aos parceiros do TCA: Lorena, Agamenon de Abreu, Cássio Caiazzo (pela extremada atenção e interferências ótimas), e à equipe de figurino: Guida, Letícia e Celinha, minha gratidão e alegria: o apoio e a expertise fantástica do Centro Técnico foram fundamentais para a realização das peças mais complexas.

A Tina Tude, pela paciência. A Rafael Souza, pelo suporte. A Ana Luiza Dantas, Nilton Cavalcanti e Afonso Dantas, por me incentivarem tanto, e pelos seus talentos com os lápis de cores.

A todos os meus amigos e amigas que me visitam quando estou fechada em casa estudando e que sempre me ajudam quando não tenho mais forças, em especial os artistas visuais Fernando Lopes e Evah Nick.

Às minhas amigas e aos meus amigos queridos que têm sempre um sorriso, um abraço gentil e uma palavra de alegria quando preciso, e que sabem me procurar, pois estarei lá.

Aos que por força de me atravancar o caminho: é sempre bom lembrar, “eles passarão; eu, passarinho”.

Ao Tempo.

À Presença Mágica.

Se queres ser universal, canta a tua aldeia.

Leon Tolstoi

RESUMO

A presente pesquisa em Design de Moda se propõe a apresentar uma coleção de moda feminina contemporânea, para a sazonalidade invernal, que articula duas estéticas distintas: a estética Punk e a estética do Cangaço. O desenvolvimento e foco do projeto se deram a partir do Cangaço, em virtude da marcante construção estética e da grande força simbólica desse fenômeno regional no imaginário nordestino. A estética do Cangaço alimenta e dá relevo ao arcabouço cultural nordestino: é um agrupamento social ímpar na história do Brasil quanto à diversos escopos de análise e influenciou muitas formas de manifestações culturais, desde a vestimenta e a literatura até a música e a dança. A estética Punk-Rock, ou simplesmente Punk, é a estética pós-moderna que é associada e mixada com a estética do Cangaço. Propõe-se uma coleção de Moda contemporânea para a mulher brasileira/nordestina: representada em suas origens histórico-culturais – o Cangaço, no retorno ao sertão arcaico, e articulada com as configurações socioculturais urbanas, através do Punk – produto da sociedade urbana contemporânea. Ao longo do trabalho constrói-se o raciocínio da pesquisa, tratando do Design de Moda, do Cangaço e do Punk, ao passo que desemboca em uma proposta que integra os três universos: uma coleção fashion de Moda feminina, Cangaceira Punk, nomeada Repente Punk.

Palavras-chave: Estética do Cangaço, Punk, Design de Moda, Identidade Regional

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Funil de Decisões.....	23
Figura 2 - Zuzu Angel para Angel. Coleção Maria Bonita.	27
Figura 3 - Zuzu Angel para Angel. Coleção Mulher Rendeira.	28
Figura 4 - Desfile de Duek para Forum.	29
Figura 5 – Desfile de Herchcovitch para Cori, com destaque para Camila Pitanga	30
Figura 6 – Ronaldo Fraga, marca própria	31
Figura 7 – Desfile de Carolina e Pitty para Amapô.	32
Figura 8 - Bolsas para a Amapô, em forma de cabaça (couro, tricô, brim)..	32
Figura 9 - Jean Paul Gaultier, Coleção "Avatar" com tema México.	33
Figura 10 – Lindembergue Fernandes para Conexão Solidária	34
Figura 11 - Croquis de Paula Schuabb.	35
Figura 12- Ana Paula Mendes, Croqui e modelo executado	36
Figura 13- Ana Paula Mendes, pilotis da coleção	36
Figura 14 – Painel 01, Cenário do Mundo	40
Figura 15 – Painel 02, Cenário de Tema	41
Figura 16 – Painel 03, Forecasting.....	42
Figura 17 – Painel 04, Público-alvo Percurso de Comportamento	43
Figura 18 – Painel 05, Segmento de Moda	44
Figura 19 – Painel 06: Formas e Volumes.....	45
Figura 20 – Painel 07, Criadores Inspiradores	46
Figura 21 – Painel 08, Cores	47
Figura 22 – Painel 09, Pantones.....	47
Figura 23 – Painel 10, Referência Têxtil: tecidos selecionados.....	48
Figura 24 - Selecionadas: Silhuetas de Moda x Épocas.....	49
Figura 25 – Croquis descartados – em ordem cronológica	50

Figura 26 – Exemplo de geração de alternativas.	51
Figura 27 - Croquis da coleção.	52
Figura 28 - Croquis da coleção.	53
Figura 29 - Croquis da coleção.	54
Figura 30 - Croquis da coleção.	55
Figura 31 - Croquis da coleção.	56
Figura 32 - Croquis da coleção.	57
Figura 33 - Croquis da coleção.	58
Figura 34 - Croqui "Mandacaru" selecionado para execução.	59
Figura 35 - Croqui "Maria Bonita" selecionado para execução.	60
Figura 36 - Croqui "Sertão de cimento" selecionado para execução.	61
Figura 37 – Ficha técnica n.1.	62
Figura 38 – Ficha técnica n.2.	63
Figura 39 – Ficha técnica n.3.	64
Figura 40 – Ficha técnica n.4.	65
Figura 41 – Ficha técnica n.5, Tecidos e Aviamentos.	66

QUADROS

Quadro 1 – Caracterização das convergências entre Cangaço e Punk.	21
Quadro 2 – Relação de peças.	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 JUSTIFICATIVA	13
3 OBJETIVOS	15
3.1 OBJETIVO GERAL.....	15
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
4 CANGAÇO E PUNK: CARACTERIZAÇÃO E CORRELAÇÕES	16
4.1 O QUE FOI O CANGAÇO?	16
4.2 O QUE É O PUNK?	18
4.3 CROSSOVER CANGAÇO-PUNK.....	20
5 METODOLOGIA.....	22
5.1 MÉTODO DESCARTADO: FUNIL DE DECISÕES.....	22
5.2 PROJETO CONCEITUAL.....	23
5.3 METODOLOGIA DESENVOLVIDA	24
6 PESQUISA DE SIMILARES	27
6.1 ZUZU ANGEL PARA ANGEL (MARCA PRÓPRIA).....	27
6.2 TUFI DUEK PARA FORUM.....	28
6.3 ALEXANDRE HERCHCOVITCH PARA CORI.....	29
6.4 RONALDO FRAGA	31
6.5 CAROLINA GOLD E PITY TALIANI PARA AMAPÔ	31
6.6 JEAN PAUL GAULTIER.....	33
6.7 LINDEMBERGUE FERNANDES PARA CONEXÃO SOLIDÁRIA.....	34
6.8 FOTOBLOGS DE DESIGN DE MODA, POR SUAS AUTORAS.....	35
6.8.1 Paula Schuabb	35

6.8.1 Ana Paula Mendes	35
6.9 PESQUISA DE SIMILARES: CONSIDERAÇÕES.....	36
7 BRIEFING DE DESIGN DE MODA	38
8 PAINÉIS SEMÂNTICOS.....	40
9 ESTUDO DE FERRAMENTAS E ESTILO: DEFINIÇÕES	49
10 GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS – CROQUIS DESCARTADOS	50
10.1 COLEÇÃO COMPLETA DE CROQUIS	52
10.2 CROQUIS SELECIONADOS PARA EXECUÇÃO.....	59
11 FICHAS TÉCNICAS DE CROQUIS CONFECCIONADOS	62
12 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICES	80
APÊNDICE A – Relatórios de Atividades.....	81
APÊNDICE B – Relatórios de Custos.....	89
APÊNDICE C – Sugestão de Croqui de Maquiagem para Ensaio Fotográfico	91
APÊNDICE D – Ensaio Fotográfico	92

1 INTRODUÇÃO

Repente *Punk* é um trabalho em *Design* de Moda apresentado como requisito para a graduação em *Design* pela Escola de Belas Artes da Ufba. Compõe-se em coleção de moda feminina, sazonalidade de inverno 2013. Repente *Punk* é uma coleção que se propõe enquanto moda identitária, através de uma releitura híbrida da estética rural do Cangaço com elementos da estética urbana *Punk*.

Neste trabalho, a moda é entendida como um “fato social total”: além de alcançar e envolver simultaneamente esferas de ordem técnica, econômica, política, artística e sociológica, é um produto de *design* que não se furta a ser a concretude de identidades sociais. (GODART, 2010, p.17).

O *design* se transformou em uma atividade de ordem cultural (WHITELEY, 1998 p.69-70) – e dentre tantos outros, a moda é um produto de *design* cuja inevitável natureza é ser veículo de inserção de identidades e signos culturais na esfera social (MOURA, 2010). Apresentar um produto de *design* de moda que reflita questões simbólicas da (e para a) cultura de uma sociedade, é testemunhar concretamente a existência de tais questões – a despeito da massificação e pasteurização de *designs* de moda copiados irrefletidamente.

A escolha é dada aos *designers*: ser um reproduzidor de *designs* alheios, esvaziados de relevância social, ou ser um *designer* mediador de símbolos de uma cultura material original, local, própria. Um *design* de moda que possa dialogar conceitos e substancializar uma “identidade indumentária” de indivíduos em uma sociedade.

A perspectiva contemporânea no *Design* de Moda brasileiro aponta para tais práticas, quando se manifesta pela revisitação e revalorização de culturas locais: “as identidades regionais, locais, colocam-se para o *design* como uma fonte de matéria-prima autêntica e valiosa”. (RODRIGUES, 2009)

Assim, a coleção de moda *Repente Punk* é pensada em termos de autonomização da mulher nordestina como herdeira legítima de cultura própria e rica: uma mulher capaz de materializar sua identidade e que responde, enquanto gênero e atitude política, ao contexto urbano das grandes cidades.

Neste trabalho, dois universos são hibridizados entre si: o do Nordeste, pleno de arcaísmos, e o da urbe pós-moderna, fazendo um entrecruzamento ou *crossing-over*¹ de seus elementos e discursos visuais. O entendimento é de que a moda cangaceira, ou a estética própria do fenômeno do Cangaço, encontra uma alteridade estética na moda do fenômeno *Punk* londrino, origem do hoje chamado “segmento urbano” de moda (TREPTOW, 2007, p.30).

O propósito desta releitura agregadora é interpretar a expressão visual do fenômeno popular do Cangaço com elementos e traços da expressão visual da Cultura *Punk* – trazendo o sertão para a “selva de pedra”, em uma discussão há muito conhecida, mas que é sempre passível de novos olhares: a relação campo-cidade. Daí o nome que faz referência à musicalidade dos dois universos, *Coleção Repente Punk*.

Um percurso que perpassa pelas diferentes estéticas do urbano e do sertão, de *ethos* diferentes, para trazer uma nova colagem contemporânea para o vestuário da mulher brasileira. O perfil de mulher nordestina que é objeto de interesse para este trabalho – mas também a mulher que deseja conhecer e se identifica com os valores da moda cangaceira-*punk* – brasilidade, tradições próprias, feminilidade, resiliência cultural, feminismo, consciência das relações campo/cidade: uma guerreira dos sertões de cimento.

¹ *Crossing-over*: termo emprestado da genética, refere-se à “troca de material genético equivalente (...) durante a meiose celular”, de acordo com o *Webster’s New World College Dictionary* (tradução nossa): é o fenômeno que garante a variabilidade genética.

2 JUSTIFICATIVA

“A despeito das inflexões decisivas de sistema, comportamentos individuais e sociais, valores e invariantes constitutivos da moda não cessaram de reproduzir-se.”

Gilles Lipovetsky - O Império do Efêmero

O Design de Moda é um fenômeno social moderno, ocidental de nascimento e controverso enquanto objeto de estudo científico, como elenca Lipovetsky (2010, p. 157). É uma indústria na qual a construção semântica é central à sua existência – qualquer que seja o escopo de análise ou a particularidade deste ou daquele estilo.

Quando pensada no âmbito material da peça de roupa, não se pode deixar de considerar que é a primeira interface do ser humano com a realidade externa ao corpo. É, também, expressão da realidade interna do indivíduo; o modo com o qual se veste, ou modernamente falando, a moda que usa, é uma representação, uma extensão de sua autoimagem e sua identidade social materialmente visível – uma “personalidade aparente”, nas palavras de Lipovetsky (2007).

É sob esta perspectiva que se tece a coleção de *Design de Moda Repente Punk*: como expressão de uma mulher contemporânea, brasileira, nordestina. A moda realizada e entendida como sendo um design que “cristaliza numa imagem modos de pensar, ser e agir construídos socialmente” (BARRETO, 2007) – e aqui, o discurso estético da moda cangaceira (aliado ao da moda *punk*) se apresenta como signo nordestino para os espaços urbanos.

Uma das funções da roupa é a de satisfação de acordo com a realidade: “isto é, o princípio de basear nossas satisfações em um reconhecimento fundamental do mundo real, e não de uma distorção, ou de uma negação de seus aspectos menos agradáveis”. (FLÜGEL apud SILVA, 2010, p.47) (grifo nosso).

Esse “reconhecimento fundamental” implica reconhecer os diversos aspectos da sociedade na qual se insere, e da análise sociológica da estratificação social nasceu o conceito de consumo ostentatório² na moda, ou a imitação daqueles considerados superiores. No

² VEBLÉN apud GODART, 2010

sertão, à época de Maria Bonita e Lampião, onde os centros de poder e de moda eram eminentemente urbanos, elitistas, não havia a participação ou a expressão da esfera rural - o espaço onde o Cangaço se desenvolveu - mas sim a imposição das expressões e valores urbanos sobre o rural.

Considerando-se uma dupla estratificação social do sertão - a interna, local, do “feudo” sertanejo, seus coronéis e senhores - e uma externa, a do litoral e suas capitais, que compreendia e subordinava a rural, a moda e a existência cangaceira foram uma expressão única em seu próprio meio, da qual a realidade urbana era até então alienada. Uma moda que existiu e se desenvolveu à parte da equação do consumo por mera imitação, ostentatório - mas se expressou, enquanto moda, em seu meio e no meio urbano, através das fotografias de Benjamin Abraão nos jornais. A moda do Cangaço existiu para afirmar sua exclusiva posição social e existencial.

No entanto, esse mesmo cangaço (a partir de Maria Bonita e Lampião) não era alheio às informações de moda da época; depreende-se daí que a composição de sua indumentária não exclui valor de moda, pelo contrário: inclui-se enquanto expressão da individualidade, ao tempo em que se apropria de tradições, como veremos adiante.

Assim, o Cangaço, muito além de seu tempo histórico, propõe releituras das tradições herdadas, com forte apelo simbólico e também com necessária funcionalidade, sendo coerente com as vanguardas de moda da época (do litoral; do exterior) num momento, e vanguarda dentre as vanguardas em outro, com suas próprias criações originais.

Como uma opção em moda identitária, que emerge de uma estética local - a cangaceira, nordestina - mas também como vanguarda, ao fazer novas correlações à moda cangaceira, o presente trabalho afirma a contemporaneidade da moda de Maria Bonita e Lampião na sua atitude *fashion* tão além de seu tempo - e tão consciente de seu espaço, no sertão e na história.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo geral executar uma coleção de moda com identidade nordestina, baseado na estética do cangaço e hibridizada com a estética *punk*.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar a história do Cangaço e do *Punk*, suas influências, tradições, história e origens;
- Entender a vestimenta cangaceira e entender seu percurso construtivo;
- Selecionar, dentre as vertentes históricas e atuais do *Punk*, elementos estéticos em comum com o Cangaço.
- Desenvolver, através de metodologia de *design* para Moda e Produto, coleção de moda de vanguarda e com usabilidade, a partir do Cangaço e do *Punk*: Moda Cangaceira.
- Determinar a Moda Cangaceira, através do Projeto Experimental, como uma classe ou estilo próprio de moda brasileira: um estilo definido, assim como o são o estilo de matriz africana, o estilo indiano, a *art-decò* europeia
- Desenvolver um vocabulário de moda através e a partir desta coleção, que lance as bases para a identificação do que seria uma moda cangaceira contemporânea, através de formas, linhas, volumes, silhuetas.

4 CANGAÇO E PUNK: CARACTERIZAÇÃO E CORRELAÇÕES

O tema para investigação em moda é um produto híbrido de dois outros temas, por si só já ricos em informações: o Cangaço e o punk. Não se persegue um revivalismo, ou mera reprodução de seus universos; ao invés, uma releitura contemporânea que se propõe a fazer um crossover ou cruzamento do Cangaço com o *Punk*: o entendimento que se propõe é o binômio: os Cangaceiros são os *Punks* do Sertão – e os *Punks*, como Cangaceiros do Asfalto.

4.1 O QUE FOI O CANGAÇO?

“Os cangaceiros não foram heróis nem bandidos, foram homens que disseram não à situação”

Vera Freitas, neta de Lampião e Maria Bonita

O fenômeno nordestino irredentista conhecido como Cangaço se desenvolveu no sertão nordestino desde as capitâneas hereditárias, e teve ápices de influência local nas décadas de 1890 a 1920. Tornou-se nacionalmente conhecido por Lampião, na década de 30. Foi combatido pelo Estado Novo de Vargas, até sua definitiva extinção enquanto entidade social do sertão, na morte de Corisco, em 1940.

Eram “criminosos na epiderme e irredentos no mais fundo da carne”: é a definição dada aos cangaceiros por Mello (2010) e endossada por Ariano Suassuna em prefácio ao livro daquele, *Estrelas de Couro*, 2010. O Cangaço estendeu seus principais percursos (recentes, é bom frisar) pelo interior dos estados que têm orlas à leste: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, e Rio Grande do Norte.

Este trajeto, se não confirma, dá forte apoio à afirmação de Mello sobre a origem do cangaço como um fenômeno de origem litorânea: um processo lento, mas irreversível, de expulsão de um banditismo litorâneo configurado pelas mais diversas origens, como nomes de vulto na atividade oriundos mesmo da Holanda. Desertores de tropas portuguesas, holandesas, francesas; escravos fugitivos, índios sobreviventes; mestiços de toda a mescla, sem lugar social nas capitâneas: essa foi a matriz histórica de um país que alimentava os sonhos paradisíacos de europeus, onde se viveria “sem lei nem rei e ser feliz” (MELLO, 2010).

O Cangaço era uma insurgência nômade, grupal e autônoma, de formação *metarracial* e transgênero (trouxe a mulher para o universo tradicionalmente masculino) e transversal a todo desenvolvimento político do país – colônia, império e republica. E especialmente, produto da separação da *urbes* / campo, metrópoles e roça, ou como diria o próprio Mello, em resposta a outro pesquisador em site da Sociedade Brasileira de Estudos sobre o Cangaço- SBEC, “(...) o divórcio cultural entre o litoral e o sertão, fruto de falha no processo secular de colonização do Nordeste do Brasil, fazendo com que os homens de uma e outra dessas áreas não se reconhecessem entre si.” (MELLO, 2010b)

Buscavam esse modo de vida aqueles que não tinham mais espaço social onde se sustentar, o cangaço exatamente como em suas origens. Brigas, questões entre famílias (pelos motivos dos mais nobres aos mais triviais), orfandade, perseguições pessoais ou políticas, e crimes cometidos em sua maioria por motivos relativos aos primeiros, o cangaceiro entrava em um bando com a faixa etária média de 15 a 22 anos. Não faltaram aqueles que procuraram o cangaço por admiração ou por entender que era uma “vida melhor” que a que se levava.

Havia intencionalidade nos Cangaceiros ao criar estética própria; a consciência da sua apresentação visual como parte fundamental da definição de sua identidade pode ser claramente entendida como um discurso de Moda, o que justifica e dá profundidade ao projeto. Fica explícita essa consciência quando Mello chama a atenção para o

(...) impacto do esplendor orgulhoso que saltava aos nossos olhos do traje de cangaceiro, sobretudo como imagem de síntese. Havia orgulho em tudo aquilo (...) todo esse esforço para que se pudesse chegar ao anseio de beleza de cada um dos cabras. Havia ainda de notável o desprezo sistemático pela ocultação da figura, atitude oposta à de quem se considera apenas criminoso.

O autor prossegue em sua análise histórica, com uma conclusão muito interessante do ponto de vista sociológico da Moda:

O que nos parece fora de dúvida razoável, ao exame metuculoso das peças caprichadas de que se serviam os cangaceiros vitoriosos na “profissão”, ou de conversas com alguns de seus coiteiros e artesãos mais próximos, é que o bando de Lampião, sobretudo nos anos 30, possuía preocupações estéticas mais frequentes e mais profundas que as do homem urbano moderno.

A moda cangaceira, incontestemente criação original, “blindagem mística” e militar ao mesmo tempo; era arcaica em estampas, couro e técnicas, mas moderna em tecidos e modelagem; um compêndio simbólico em um todo utilitário; distinção social – ou antes, até, sublevação social

– e com uma pretensão nada inconsciente de afirmação de sua tribo, de sua cultura, de sua existência “à parte”, em um esforço profundo de ser um “*leather pop-star*” (*pop-star* de couro)... O reconhecimento da preocupação estética do cangaço rendeu a Lampião, em jornais contemporâneos (INSTITUTO, 2011), o título de “*dândi do sertão*”, registrados seus diferentes *looks* em cartões de visita e cartões-postais autografados um a um.

Mesmo tecendo tais considerações, e sabendo-se que hoje a moda obedece a temporadas de primavera/verão e outono/inverno, ainda assim causa admiração e espanto o depoimento de Dadá, Candeeiro, Medalha e Barreira: os chefes cangaceiros trocavam seus chapéus a cada estação. Novos designs para estações distintas...

4.2 O QUE É O PUNK?

O *Punk* é um movimento cultural jovem urbano, ou tribo urbana, herdeiro da tradição intelectual dos *beatniks* e de orientação política anarquista na maioria dos grupos. Categorizada como sendo de contracultura por se opor ao capitalismo e ao militarismo, tomou forma na Inglaterra na década de 70, rapidamente encontrando forte eco nos EUA, mais forte até mesmo que na Europa em geral. O panorama mundial era a guerra fria: corrida armamentista e espacial, guerra do Vietnã, ditaduras militares pela América Latina (treinadas e financiadas pelos EUA), crise no petróleo, recessão e desemprego.

A palavra *Punk* “é uma gíria para podre, madeira ruim, o que não presta” conta o site do selo independente Grito Punk (GRITO, 2011) e em gíria arcaica, *punk* é o tipo de lenha utilizada para atear fogo e/ou qualquer material utilizado para acender fogos de artifício, por sua propriedade de queimar em fogo lento, sem chamas, em carvão duradouro.

As origens históricas do movimento são apontadas em diferentes ênfases e momentos; Doris Treptow, por exemplo, traz como principal motivação para o movimento o desemprego massivo que ocorria nos centros industriais e urbanos ingleses. Assim, segundo Treptow, os jovens desempregados, em particular pela indústria têxtil, reinventaram o seu modo de vestir (*D.I.Y. – Do It Yourself*, ou “faça você mesmo”, em tradução livre) fazendo completa oposição ao que se considerava moda, para chamar a atenção, causar incômodo, ter o que se vestir com estilo pessoal e protestar: reutilizavam peças, em especial as de maior durabilidade, e escreviam palavras de ordem nas camisetas, jaquetas e blusões.

(...). Desse universo dos miseráveis, dos marginais, emergiu uma estética própria que aparecia à sociedade como francamente ameaçadora. De fato, a sociedade inglesa escandalizou-se com a atitude irreverente dos jovens que saíam em bandos pelas ruas em trajes estranhos, calças justas, rasgadas e remendadas por alfinetes, presas por cintos de arrebitos. A esse visual assustador aliava-se uma conduta crítica e transgressiva, pois ignorando completamente as determinações sociais aqueles jovens criaram um modo próprio de vida, uma cultura própria. (GALLO, 2008)

Não aderem ao figurino em voga, pois se afirmam enquanto *punks* dentro de um repertório de penteados (o *mohawk* ou moicano) e de peças de roupa específicas (jaquetas, calças *jeans*, camisetas de bandas, botas e coturnos), materiais e adereços tradicionais (*jeans*, *tartan*, couro, tachas, alfinetes e metais diversos, não se importando com a modelagem das roupas, mas sim a caracterização (customização) pessoal das mesmas: os punks fizeram a antimoda, contra a moda e contra o sistema, mas depois sua estética foi assimilada pela moda.

Antonio Bivar remonta o histórico *punk* desde os movimentos rebeldes do pós-guerra, começando com os Existencialistas dos anos 40, *Beatniks* (jovens intelectuais revivendo os literatos “malditos”) e *Rockers* (nada de literatura, mas muita “ação”, como em Juventude Transviada) nos anos 50, e é claro, os *Hippies* lisérgicos dos anos 60. Bivar, traçando a genealogia do espírito *Punk*, deixa bem claro como se formou o ideário e o comportamento dos jovens da década de 70 que se tornariam os *Punks*. (BIVAR, 2006)

Na seção “Quem somos” do site do grupo Grito *Punk*, de São Luis do Maranhão, a definição do que é ser *Punk*:

Ao contrário do que muitos pensam, nosso radicalismo é contra pessoas, bandas, sites, distros e outros(as) que fazem apologia ao racismo, nacionalismo, fascismo, capitalismo, religiosidade, militarismo e outras merdas que devassam este mundo perdido.(...) Sim, somos radicais contra os que oprimem outras pessoas ou grupos porque pensam e agem diferente, seja na arte, na postura ideológica e na sua forma de viver.

Cumprir dizer que nem todo *punk* é ideologicamente orientado, intelectualizado ou sequer leitor da própria literatura *punk* (“Mate-me por favor”, de Legs Mcneil e Gillian McCain; “A última transmissão”, Greil Marcus; “Um *Punk* Eficiente e uma Sociedade Deficiente”, infante-juvenil de Raimundo Vieira). O *Punk* se desenvolveu ao longo do tempo, adquirindo novas características dos lugares onde tomou forma, inclusive no Brasil. Não cabe aqui entrar no mérito da definição ou levantamento histórico de todos os sub-estilos do *Punk*, que são muitos e ainda hoje influenciam outras culturas urbanas, outras tribos – e novas

correntes *Punk* continuam surgindo. Todos os demais estilos *punks*, e mesmo o *rock* e o *pop* dos últimos 30 anos, foram influenciados pelo trajeto do movimento *punk* original. Exceção ao *Ska-Punk*, visto que foi contemporâneo ao *Punk* original, juntando o *Ska*, com músicos como *Black Uhuru* e *Aswad*, em Londres, e que chamaram o estilo de seus grupos de 2-Tone, e vestiam preto e branco (ritmo jamaicano pós *calypso* e pré-*reggae*).

Algumas das atuais bandas *Punk*: *Rise Against*, *Street Dogs*, *Riverboat Gamblers* e *The Bronx*. *Nacionais*: Mukeka di Rato, Os Pedrero, Porcos Cegos (ex-*Blind Pigs*). As mais recentes ramificações do *Punk* são, na música o *Garage Rock Revival* (*Ikara Colt*; *McLusky*; *The Intelligence*), o *Emocore* (um subgenero do *Punk Hardcore*: *30 Seconds to Mars*; *My Chemical Romance*) e o *DancePunk* (*LCD SoundSystem*; *Radio4*). No *Ska Punk* de hoje: *Streetlight Manifesto*, *Ska-P*, *Reel Big Fish*. Outros estilos pós-*punk*: *J-Rock* (*Japanese Rock*), o *Indie* (“*Independents*”, ou fora do *mainstream*) e na música *pop mainstream*, o discurso visual e o estilo de *Lady Gaga*, em especial o do último álbum, *Born This Way*.

4.3 CROSSOVER CANGAÇO-PUNK

Um *crossover*, apesar de reconhecer as diferenças entre seus elementos em cruzamento de informações, se além aos dados e informações que, nunca sendo idênticos, ecoam nos sentimentos, no comportamento, na atitude e na essência.

As diferenças são inúmeras entre o *Cangaço* e o *Punk*: a começar pelo grande lapso histórico entre ambos e pelo tempo de crescimento, desenvolvimento e no caso do *Cangaço*, a extinção. As origens do *Cangaço* remontam ao processo colonizatório do Brasil, tendo sido formado por uma espécie de “refugio” dos grupamentos sociais do litoral e do desprovimento e abandono precoce da sociedade do sertão nordestino. Os bandos de *Cangaceiros* eram normalmente compostos de “bandidos pela honra”, vingando alguma injustiça causada por brigas entre clãs ou entre donos de terra e seus subordinados.

O *Punk* surgiu em países de língua inglesa, em um período histórico muito mais próximo e assim, possível de ser melhor conhecido em seu nascimento e desenvolvimentos posteriores. Os *Punks* procuram comprometer todas as suas atitudes na vida com sua compreensão de mundo e ideologia, normalmente anarquista: como se comportam, como se

vestem; o que leem, que música ouvem, tipo de alimentação e outras atividades que podem incluir comportamentos que variam desde o uso de drogas ao completo banimento destas; etc.

Como um crossover se fundamenta nas semelhanças, um resumo das diferenças é suficiente para pontuar o estudo:

Punk: Pós-moderno; Origem urbana, mas com referências rurais; Intelectualizado; de esquerda (tradicionalmente anarquista); Ateu (essencialmente).

Cangaço: Arcaísmo medieval na modernidade; Origem Rural, mas com antecedentes urbanos; Tradição oral; Mediano/baixo acesso à Norma Padrão da língua; Místico-católico; Monarquista.

O Quadro 1 esquematiza as principais convergências entre o Cangaço e o *Punk*, acerca da vestimenta e das raízes culturais.

Aspecto	Caracterização		Convergência
	Cangaço	Punk	
Vestimenta	Referências dos índios brasileiros e vaqueiros do sertão	Referências dos índios norte americanos e celtas, escoceses e ingleses	Metais diversos, couro (natural, escurecido, etc), <i>jeans</i> , tecidos xadrezes, listras, tecidos reutilizados
Raízes culturais	Mitologias medievais europeias, mitologias indígenas	Revoluções culturais proletárias, revoluções escocesas rurais medievais	Contracultura, exclusão social, revoltas contra o poder dominante, ideologia baseada na dignidade e na autogestão

Quadro 1 – Caracterização das convergências entre Cangaço e Punk

5 METODOLOGIA

A metodologia foi desenvolvida a partir dos seguintes autores: em Design de Moda, Caroline Barreto (método de Painéis Semânticos que foi desenvolvido e aplicado no curso de Design de Moda da Faculdade da Cidade)³, Simon Seivewright e Doris Treptow; e, em Design de Produto, Paulo Souza (Briefing desenvolvido e aplicado no curso de Design da Escola de Belas Artes da Ufba), Mike Baxter e Bruno Munari. Etapas do método: *Conceito do Problema > Abordagem > Espaço do Problema > Pesquisa e Criação de Painéis Semânticos > Estudo de Ferramentas e Estilo > Desenhos (croquis) > Pilotis e Registros*. O desenvolvimento dessa metodologia, bem como a descrição de cada fase, estão expostos a seguir, a começar pelo método descartado (Funil de Decisões, de Baxter).

5.1 MÉTODO DESCARTADO: FUNIL DE DECISÕES

A metodologia descartada, a do Funil de Decisões de Mike Baxter, para redução de riscos na criação de um produto de design (2010, p.9), fundamenta a escolha da metodologia julgada apropriada, a de Projeto Conceitual. Na Figura 1, a sequência de gerações de alternativas começa com a pergunta “Inovar: sim ou não?”

A resposta para a pergunta inicial é, em design de moda, necessariamente “sim”. Inovar – pesquisar e propor questionamentos estéticos: esse é o diferencial entre a indústria da moda e a indústria da confecção. A primeira busca o novo, a “forma moda” (LIPOVESTSKY, 2007, p.164); já a indústria da confecção se limita a fazer cópias mais ou menos idênticas de trabalhos alheios, já conhecidos e quase sempre destituídos de seus significados, símbolos e propostas originais.

³ A qual é análoga aos roteiros cobrados nos principais concursos e prêmios de moda no Brasil: Rio Moda Hype; Barra Fashion Novos Talentos; Casa de Criadores; Dragão Fashion. Informação fornecida por Barreto, 2011.

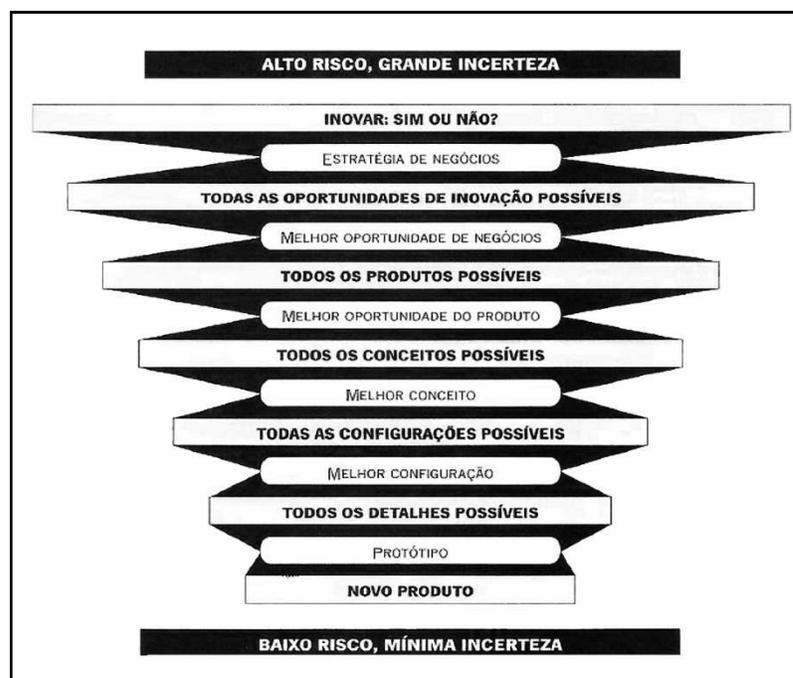


Figura 1 – Funil de Decisões. Fonte: Baxter (1998)

No passo seguinte, tem-se: “todas as oportunidades de inovação possíveis” e, derivado deste, “todos os produtos possíveis”. Uma coleção de moda precisa definir uma série de questões estéticas, antes de definir quais dentre “todos os produtos possíveis” (calças, blusas, jaquetas, vestidos; seus materiais, silhuetas, etc, etc) – e antes mesmo, “todas as oportunidades possíveis” dependem de pesquisa de moda, de conceitos originais, próprios e não meramente copiados. Assim, o método de Projeto Conceitual, que parte do passo “todos os conceitos possíveis” como o passo base das oportunidades de inovação, foi definido para iniciar este percurso de design.

5.2 PROJETO CONCEITUAL

O projeto conceitual de Baxter está condensado na seguinte forma: A partir de (a) especificação de oportunidade, gera-se um (b) benefício básico, do qual derivam (c) (princípios) de estilo e funcionais (BAXTER, 1998, cap. 7 // p.175 a 176).

- a) Especificação de Oportunidade (problema): as inquietações, o arrebatamento ético, a antecipação de questões e necessidades: prever ou traduzir formatos culturais de uma sociedade; conceitos (RECH apud TREPTOW, 2007, p.45).

Selecionar, dentre os conceitos elencados, tendo em conta os aspectos semânticos possíveis, o conceito que possa alcançar o...

- b) ...Benefício Básico: a interferência social e política da expressão da individualidade de um grupo – portanto, um benefício intangível, para além da proteção do corpo às intempéries e questões morais – dado este, definir os...
- c) ...Princípios de Estilo e Funcionais: dimensão sintática e pragmática que deve exprimir o problema.

Essa sequencia metodológica foi complementada, a partir do passo “a” – Especificação de Oportunidade, na forma exposta resumidamente acima, e que se apresenta a seguir:

5.3 METODOLOGIA DESENVOLVIDA

O recorte para o problema, uma vez definido como sendo a expressão identitária da mulher nordestina, pôde então se desdobrar pela abordagem *conceitual*, que justapõe conceitos distintos – o Cangaço e o Punk – dentre os três tipos de abordagens apresentados por Seivewright: *conceitual*, *abstrata* (visão filosófica sobre um termo, ex: “o silêncio”) e *narrativa* (relato de uma personagem ou história) (SEIVEWRIGHT, 2010, p.38).

Selecionado um problema – uma especificação de oportunidade - partiu-se para um recorte no conceito selecionado, ou seja, a expressão identitária da mulher nordestina. Para selecionar um recorte no tema, utilizou-se como filtro a seleção de abordagens de Seivewright (2010, p.38): *abstrata* (visão filosófica sobre um termo, ex: “o silêncio”); *narrativa* (relato de uma personagem ou história) e a abordagem selecionada, por ele denominada de *conceitual*: a justaposição de fontes visuais não relacionadas diretamente (sintaxe formal: texturas, volumes, padrões, etc), mas que contribuem para expressar o conceito.

As demais etapas metodológicas não requerem maiores apresentações, como se seguem em seus desenvolvimentos:

Problema, Inquietação – produzir uma expressão da identidade regional nordestina foi o ponto de partida e o Cangaço, o ícone escolhido não por acaso, pois 2011 é o ano das comemorações do centenário de nascimento (até então conhecido) de Maria Bonita, que também contribuiu para a definição do segmento de moda feminina.

Seleção de Abordagem – Projeto conceitual: como fazer um recorte apropriado, que pudesse atender a mulher urbana? A associação com a estética Punk se deu pela percepção da utilização de materiais similares tanto nas roupas de Punks como de Cangaceiros, daí a abordagem conceitual.

Espaço do Problema – Situa-se, conforme Baxter (2010, p.60; p.175), entre:

a) *Benefício básico*: construir indumentária de mulher nordestina da contemporaneidade, com forte identidade e orgulho de suas tradições;

b) *Restrições Projetuais*: coleção de 15 croquis, com execução de 3 pilotis; utilização de estética punk e cangaceira; oferta de tecidos na praça; impossibilidade financeira de uso de couro real ou sintético; impossibilidade de adquirir curso de moulage, pela sua extensão, valores e oferta momentânea no mercado; sazonalidade de inverno nordestino;

(c) Pesquisa de Similares, apresentada a seguir;

(d) Briefing: organizado conforme conceito e itens anteriores e posteriormente ampliado com informações coletadas pelos painéis semânticos.

Painéis Semânticos - Elaboração de painéis semânticos pré-definidos, a saber, (TREPTOW, 2007; SEIVEWRIGHT, 2009; BARRETO, 2011), apresentados e descritos após o briefing formalizado:

Painel 01: Cenário de mundo, desdobrado em Painel 02, batizado de Cenário de Tema; Painel 03: *Forecasting*; Painel 04: *Target* ou perfil do consumidor; Painel 05: Segmento; Painel 06: Formas e Volumes; Painel 07: Criador inspirador; Painel 08: Cores, desdobrado em Painel 09, Pantones; Painel 10: Referência têxtil.

Estudo de Ferramentas e Estilo - Estudo da organização visual da coleção, com base nas pesquisas formais dos painéis semânticos:

a) *Definição dos Elementos de Estilo*⁴ (TREPTOW, 2003, p. 131) sendo eles: Silhueta, Linha, Textura, Cor (dadas em painel apropriado);

b) *Ferramentas de Desenho*⁵ utilizadas (Treptow, 2003, p. 134) para dirigir o foco de atenção na criação da coleção:

⁴ Em Treptow, o termo usado é “Elementos do Design”; neste trabalho optou-se por “Elementos do Estilo”, como em Baxter (2010, p.175), ao invés do termo “Design”, visto que a expressão se refere a variáveis determinantes das escolhas formais do Design de Moda.

- c) *Definição dos materiais*: tecidos e aviamentos
- d) *Modelagem*: plana e/ou moulage

Experimentação - Desenvolvimento de Croquis em alternativas expressivas do conceito, e revisão/refazimento dos mesmos pela orientação da Prof^a Carol Barreto com base nos passos anteriores. Apresentados em capítulo próprio.

Modelos, Verificação e Registros - Após seleção de 15 croquis, e destes, de 3 pilotis, encaminhamento para modelista e costureira, para execução dos pilotis; criação de modelo de ficha técnica conforme similares em bibliografia; produção de fotos em estúdio.

⁵ Em Treptow, o termo usado é “Princípios do Design”; neste trabalho optou-se por “Ferramentas do Desenho”, pois a acepção originalmente utilizada não se refere a Design enquanto Projeto, e sim à competências de representação visual e ferramentas de expressão gráfica.

6 PESQUISA DE SIMILARES

A pesquisa de similares foi uma constante ao longo do projeto, visto que a moda é dinâmica e acontecem muitas coleções ou pré-coleções entre as estações, além de coleções de iniciantes. Aqui seguem alguns similares: em materiais ou em conceito, de diversas categorias de produto de moda (GODART, 2010, p.43 a 45).

6.1 ZUZU ANGEL PARA ANGEL (MARCA PRÓPRIA)

Em 1970, a primeira-dama da moda brasileira, Zuzu Angel, fez seu primeiro desfile internacional na loja Bergdorf Goodman, Nova York. Apresentou seu trabalho como sendo Moda de Contestação brasileira.



Figura 2 - Zuzu Angel para Angel. Coleção Maria Bonita. Fonte: Instituto (2008)

Duas das três coleções apresentadas eram coleções de conceito nordestinos e cangaceiros: “Mulher Rendeira” (Vestidos de patchwork de algodão e rendas, com apliques de crochês e franjas com bolinhas de madeira, remetendo às rendas de bilro, Figura 3) e “Maria Bonita”(Figura 2): Vestidos de algodão, com cintura alta, diferentes comprimentos de saia e tecidos de estamparia de variados xadrezes e pequenos florais geometrizados.

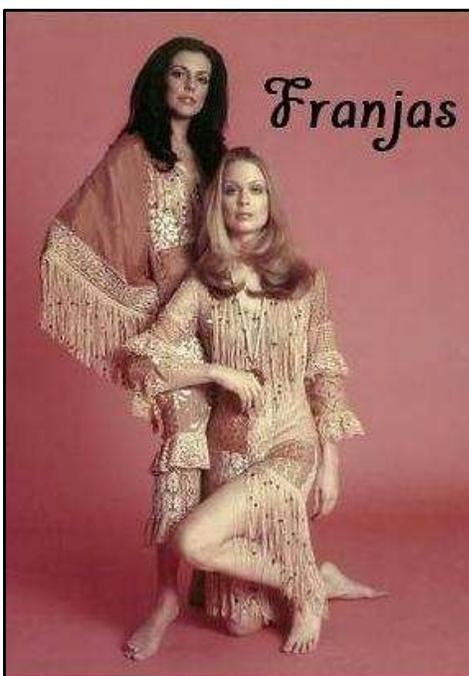


Figura 3 - Zuzu Angel para Angel. Coleção Mulher Rendeira. Fonte: Santos (2011)

6.2 TUFÍ DUEK PARA FORUM

Tufi Duek desenhou para os acessórios da Forum verão 2008/2009, alguns elementos similares aos elementos do punk, mas em paleta em tons pastéis; nas roupas, modelagem justa, mas com alguma lembrança de túnicas árabes e gregas: observar os tons crus em adição aos tons bege (tonalidades entre camelo e *off-white*, nomes comerciais de variações de bege até o quase branco), compondo com muitos metais e couro em predominância do dourado, com formas geométricas, e a modelagem lápis em cintura alta, sandálias gladiadoras, jaquetas e luvas de couro, inclusive metalizadas.



Figura 4 - Desfile de Duek para Forum. Fonte: Resende (2009)

6.3 ALEXANDRE HERCHCOVITCH PARA CORI

No verão 2007/2008 foi sua despedida da Cori, onde era o designer principal. Alexandre apresentou coleção cangaceira feminina, com projeto conceitual narrativo, apresentando uma Maria Bonita que vai do marrom bege ao marrom couro, passando pelo branco, pelos paetês prateados e pelo vermelho berrante ao azul jeans, em modelagens mais comedidas até outras mais experimentais. Usa listras, paetês e cintos de couro bordados, alguns acessórios dourados lembrando moedas, mas muitas peças em tons terrosos, inclusive em couro. Sua modelo principal, sua Maria Bonita, foi a atriz Camila Pitanga.



Figura 5 – Desfile de Herchcovitch para Cori, com destaque para Camila Pitanga. Fonte: Naseh (2007)

6.4 RONALDO FRAGA

Em 2010, Ronaldo Fraga trouxe a renda nordestina como elemento principal de sua coleção, baseada em Mário de Andrade e seu livro “*O Turista Aprendiz*”; seus modelos também são regionalistas: referências do Maracatu Pernambucano, mas as cores são pastéis. O recorte produzido pelas rendas, bem como os motivos e o ritmo de formas, lembram as silhuetas dos anos 20.

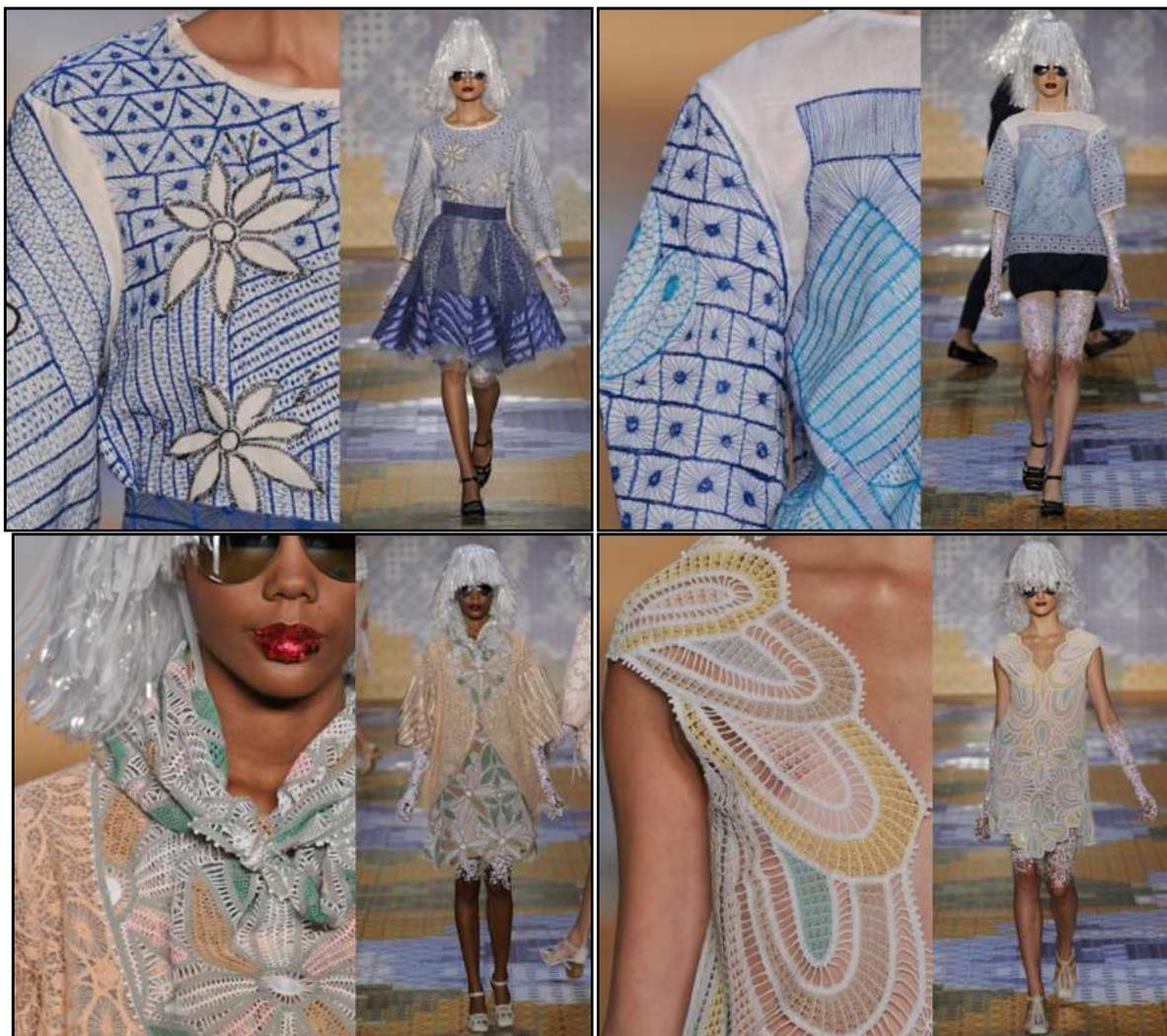


Figura 6 – Ronaldo Fraga, marca própria. Fonte: Angel (2010)

6.5 CAROLINA GOLD E PITY TALIANI PARA AMAPÔ

No verão 2010/2011, as designers da Amapô, em seu desfile “Cordel Nordestino”, se apropriaram de alguns elementos da moda cangaieira: Cores fortes sobre fundo pastel marrom ou jeans azul, elementos cruzados, corte masculino (alfaiataria), couros, bordados em

tachinhas, referências e cortes militares. Suas cores ampliaram a paleta de cores do cangaço, buscando outras leituras possíveis.



Figura 7 – Desfile de Carolina e Pitty para Amapô. Fonte: Valadares (2011).



Figura 8 - Bolsas para a Amapô, em forma de cabaça (couro, tricô, brim). Fonte: Valadares (2011).

6.6 JEAN PAUL GAULTIER

Ainda em 2010, Jean Paul Gaultier, reivindicando inspiração mexicana – e aqui se aponta alguns elementos de influência ameríndia que viriam a emergir no Cangaço, como ressalta a hipótese de Pernambucano de Mello, que o famoso chapéu cangaaceiro seria uma apropriação do chapéu utilizado pelos combatentes paraguaios na Guerra do Paraguai: ao invés de ser de feltro, é confeccionado com a técnica dos chapéus dos boiadeiros, em couro.



Figura 9 - Jean Paul Gaultier, Coleção "Avatar" com tema México. Fonte: Pacce (2010)

Apresentou looks femininos claramente cangaceiros – coincidência ou desinformação, já que se generaliza tudo que é latino-americano? A coleção tem paletas claramente identificadas com as paletas de cores básicas do cangaço, utilizadas nesta coleção (exceto o preto), inclusive a risca de giz. Observam-se as ombreiras e alfaiataria masculinas, remetendo ao jeans e o “sombbrero”, mas com a aba frontal verticalizada conforme o enfeitado chapéu do Cangaço. Muitos com detalhes e estruturas que lembram técnicas artesanais como o filé e o crochê.

6.7 LINDEMBERGUE FERNANDES PARA CONEXÃO SOLIDÁRIA

Coleção Nó.Destino, apresentada no Dragão Fashion primavera/verão 2011, foi realizada através de uma rede de artesãs em nove estados nordestinos, a Conexão Solidária. As peças tem clara influência da figura do vaqueiro, com cores simples em tons vibrantes: azul, amarelo, vermelho em associação com o couro e bordados em linha e sobre o couro: a coleção é regionalista, para ambos os sexos.



Figura 10 – Lindembergue Fernandes para Conexão Solidária. Fonte: Casa (2011)

6.8 FOTOBLOGS DE DESIGN DE MODA, POR SUAS AUTORAS

6.8.1 Paula Schuabb

Coleção Cangaço no Raso da Catarina. Imagens de croquis e um painel semântico postados em 2009 (Figura 11). Sua coleção tem como ponto marcante as cores pastéis no tom mais claro possível, e a reprodução direta de bordados dos bornais cangaceiros e de algumas modelagens.



Figura 11 - Croquis de Paula Schuabb. Fonte: Schuabb (2010)

6.8.1 Ana Paula Mendes

Coleção O Punk do Cangaço: Imagens de seus croquis e algumas peças finalizadas para sua pós-graduação em Design de Moda pela Faculdade Anhembi Morumbi, em 2006. Única coleção com mesmo projeto conceitual diferencia-se pela paleta de cores mais quente, e aparentemente tem como público-alvo adolescentes e jovens adultos de ambos os sexos.



Figura 12- Ana Paula Mendes, Croqui e modelo executado. Fonte: Mendes (2011)

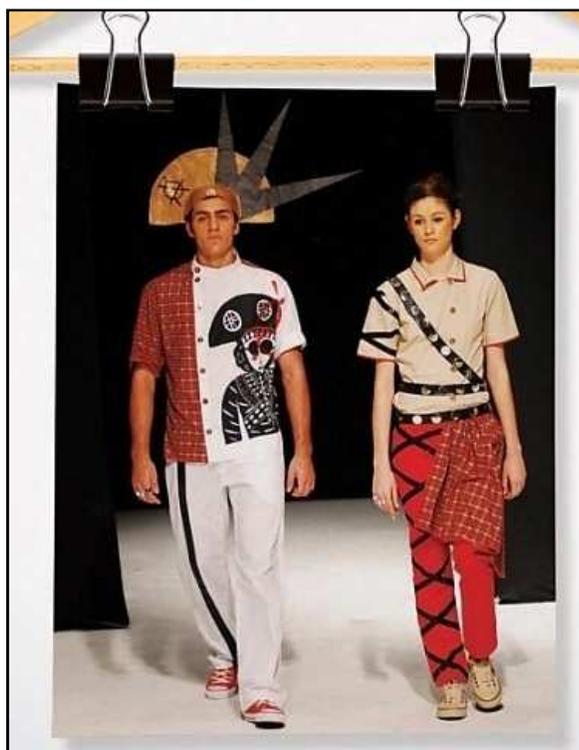


Figura 13- Ana Paula Mendes, pilotis da coleção. Fonte: Mendes (2011)

6.9 PESQUISA DE SIMILARES: CONSIDERAÇÕES

Releituras do punk alcançando paletas mais suaves, mas acima de tudo a leitura criativa e com interesse expresso nas culturas tradicionais brasileiras, com foco especial para o Nordeste. Gratificante ver novas estudantes de moda, se interessando pelo Cangaço e desenhando suas propostas – mesmo a de abordagem idêntica, descoberta durante a execução

deste trabalho – até porque é necessário ter a consciência de que se os designers brasileiros não fizerem valer as ricas culturas do Brasil, o que impede que outros se apropriem de nossos símbolos, formas e repertórios, mas revestidos de outros significados? A provocação ao Design brasileiro é refletir e produzir sua própria cultura, não exportar matéria-prima cultural e depois comprar o produto acabado em outras linguagens estranhas.

Analisando os similares percebe-se também que o segmento de moda para Moda Cangaceira está se firmando localmente para além do tradicional setor country – que novo segmento seria esse, talvez o de moda nordestina? Fica a pergunta para o futuro; e, talvez, quem tenha a resposta seja justamente Zuzu Angel.

7 BRIEFING DE DESIGN DE MODA

Coleção Repente Punk – Moda Feminina

Segmento do Design: Design de Moda

Produto: Coleção de Moda Feminina

Segmento: Rock/ Urbano e Rural (Country)

Sazonalidade: Roupas para Inverno Outono/Inverno 2013

Coleção: Coleção Repente Punk /feminina

Natureza da Coleção: Coleção autoral, acadêmica e experimental

Mix de Moda: *Designer collection*⁶ – público-alvo que deseja um produto de qualidade, diferenciado e com estética definida, própria, original e nova.

Perfil de público a ser atendido: Mulheres com autonomia financeira e que constroem a sua imagem com tendências menos convencionais.

Metas de longo prazo: novas coleções, com respectivas sazonalidades, observados o público-alvo e adicionado o público masculino.

Modificações nas tendências sociais: Gerar maior destaque para a cultura e a arte nordestina, aproveitando-se de tendências regionalistas e tendências de valorização do conceito de moda identitária e culturas locais, na moda.

Atitudes dos consumidores/usuários: consumo intencionalmente simbólico, ou a construção de sua imagem pessoal e de valores e crenças através de seus bens de consumo; fashionistas, regionalistas.

Análise do produto/cliente/mercado: Produto capaz de ser combinado com outras peças de diferentes tendências e cartela de cores fáceis de serem combinadas entre si e entre diferentes paletas; se vale das tendências de coleções terrosas, tribais, nude, *animal-print*, minimalistas, foscas e de produções artesanais, tais como rendas, fuxicos, grafismos étnicos.

⁶ Coleções de criadores (GODART, 2010, p.43): mais caras que roupas básicas (idem, p.45) , caracterizadas por serem de boa qualidade, com modelos e conceitos únicos e várias peças de um mesmo modelo.

Características próprias do produto (sistema): desenvolvido sob *moulages* já conhecidas (flats ou desenhos planos), baseadas na silhueta *retangular-desconstruída* (1978) e na *ampulheta com sobreposições* (2000). Semelhanças em algumas linhas com silhueta de 1926.

Restrições Projetuais ou fronteiras do problema: Impossibilidade de execução *moulage*, por desconhecimento da técnica e exiguidade dos prazos para tanto, sendo substituída por interferências (nos croquis) em modelagem plana já conhecida; impossibilidade de executar coleção completa, (quinze peças), pelo elevado custo de mão-de-obra e materiais, especialmente nas peças que requerem bordados; necessidade de utilização de tecido suplementar ao couro, que apresente vantagens quanto ao peso da peça e maleabilidade da mesma.

Parâmetros da coleção: O mix de produtos Repente Punk 2012 se compõe por Mix distribuído de acordo com o Quadro 2.

VESTIDOS & TOPS (peças de cima)	
Peça	Qtd. modelos
Vestidos	3
Bata c/ manga	1
Blusinha s/ manga	5
Jaquetinha	4
Poncho	1
Colete múltiplas alças	1
BOTTOMS (peças de baixo)	
Peça	Qtd. Modelos
Saia	9
Calça saruel	1
Bermuda	2
TOTAL	26

Quadro 2 – Relação de peças, Vestidos, Tops e Bottoms

8 PAINÉIS SEMÂNTICOS

Apresentam-se os painéis semânticos com suas descrições e conceitos específicos.

A coleção de imagens para composição dos painéis semânticos, à exceção do painel de tecidos, foi feita pelo sistema de buscas do Google Imagens e por escaneamento de imagens do livro *Estrelas de Couro: a Estética do Cangaço*, de Frederico P. de Mello.

Painel 01, Cenário de Mundo – Arrebatamento ético, configurações sociais apontadas: Conflitos em questões recorrentes no Brasil e no mundo.

Os atritos entre populações tradicionais com suas terras e suas culturas *versus* interesses político-econômicos (foto de caminhada de protesto de índios contra a hidrelétrica de Belo Monte, 2011); cartazes de sensibilização social contra a barragem de Belo Monte, a criminalização de movimentos sociais rurais e o conflito de terra Israel-Palestina.



Figura 14 – Painel 01, Cenário do Mundo

Conflitos sociais gerados pela afirmação de gênero e sexualidade: imagem de agressão homofóbica na Avenida Paulista, São Paulo. Hoje vivemos dias em que, no Brasil, deputados

eleitos pregam homofobia, sexismo e racismo velado. Deputados e deputadas empoderados pelo povo, e apoiados por grupos que se querem “de elite” e que não raro, são racistas, antinordestinos, e/ou homofóbicos e misóginos declarados.

Propostas de reação: cartaz humorístico contra a “romantização” do gênero feminino e por uma real valorização profissional e pecuniária (por ocasião do dia da mulher, oito de março e nascimento de Maria Bonita); *grafitti* anti-homofobia; movimentos de valorização do campo: cartaz de apoio à agricultura familiar; valorização das relações culturais locais: capa do CD da banda Mundo Livre S/A, que aposta na valorização da musicalidade regional (nordestina), aliada a outras musicalidades como o samba, o manguebeat e o punk-rock.



Figura 15 – Painele 02, Cenário de Tema

Painele 02, Cenário de Tema - Os universos do cangaço e do *punk* mesclados: Cangaceiras e Punks com seus parceiros, amigos e cães de guarda: no sertão ou na cidade, a força de tribos que, ao definirem-se por uma vestimenta criada por eles mesmos e para eles mesmos, são eternizados na história sob o signo da audácia. *Jeans*, algodão, couro; *tartan*, listras, desenhos originais; estrelas, rebites, tachas, espinhos de metal, moedas; lenços, fivelas,

cintos, bolsões – é indefinível a distinção entre a moda cangaceira e a moda punk, se apenas enumerados seus principais materiais e acessórios.



Figura 16 – Paineil 03, Forecasting.

Paineil 03, Forecasting - Avaliações e pesquisas no intuito de formar uma previsão de mercado futuro. Baseado no projeto conceitual, temos: interesse renovado em culturas locais, economias locais, novas formas de pensar a economia: com um enfoque em culturas locais, a sustentabilidade a partir da tradição, como na implantação de moedas locais (cédula da moeda Mumbuca); utilização sustentável de recursos do ambiente em técnicas inovadoras com materiais antes descartados, como o couro de tilápia em calçados ou madeiras reaproveitadas em biojoias; valorização de técnicas tradicionais, como a renda, na moda contemporânea: imagens de broche de fuxico, crochê e bordados, e bolsas-cabaça em crochê, couro e lona, da Amapô; busca por novas releituras de universos *retrô*/regionais/míticos em diversos suportes, objetos e ambientações. Valorização da moda nacional: Lady Gaga usa vestido de silhueta contemporânea de Alexandre Herchcovitch.



Figura 17 – Painel 04, Público-alvo Percurso de Comportamento

Painel 04, Target - Público Alvo e seu Percurso de Comportamento – Projeção de universo real do perfil de consumidora que se identifica no conceito proposto; um percurso de comportamento e valores foi desenhado neste painel, em uma sequência de imagens quase como um roteiro de uma semana na agenda da mulher cangaceira urbana: revistas sobre música e revistas femininas não convencionais; música ao vivo; leituras, programas culturais. O trabalho é de escritório, mas as amigas vão juntas para o *happy hour*; nada disso exclui a relação com a natureza: a urbana mulher cangaceira-punk alimenta o contato com a terra.



Figura 18 – Painel 05, Segmento de Moda

Painel 05, Segmento - Segmento de moda ou nicho de mercado, que, de acordo com a meta do problema, se encaixa enquanto veículo identitário em segmento de moda cuja estética flutua entre os tradicionais nichos: *rural/cowboy* e *punk/rock*. Alguns tecidos com texturas e estampas recorrentes: xadrez, jeans, listras, e o preto e o couro onipresentes em diversas modelagens, com valorização do corpo feminino em cinturas marcadas, ou com o corpo delineado em calças justas ou pernas de fora.

Painel 06, Formas e Volumes - Pesquisa de elementos materiais (objetos, paisagens, animais, plantas, obras de arte, etc...) que pertençam ao problema em questão, seu ambiente, sua história. Foram selecionadas exclusivamente formas que remetem ao sertão nordestino, para evitar prevalência do universo punk nos referenciais do desenho.

Elementos naturais, matéria-prima para o design: do artesanal (carrancas) ao industrial (acordeon). Também são matérias-primas as lembranças e paisagens naturais (cactos, buritis) e humanas (fifó; chave antiga; cestaria). As novas formas, ou formas originais, releituras da tradição (chapéu do cangaceiro e biojoia de madeira), mostram suas origens na estrutura:

desde a matéria-prima, com suas cores e texturas, até suas propostas estéticas, através de suas formas e linhas fundamentais.



Figura 19 – Painele 06: Formas e Volumes

Painel 07, Criadores Inspiradores – Vivienne Westwood e Alexandre Herchcovitch, escolhidos pela militância política em moda e pelo não-convencional de suas abordagens conceituais. É inevitável falar do universo Punk sem falar de Vivienne Westwood, “a mãe do Punk”. Em plena atividade, a estilista apresenta em suas propostas o não convencional e a atitude questionadora de valores e comportamentos. Westwood teve sua vida intimamente ligada ao movimento Punk, visto que foi companheira de Malcolm McLaren, o fundador da loja *Let It Rock*, nomeada depois (de muitos outros nomes) para *Sex*. McLaren seria o futuro produtor da primeira banda punk inglesa, os *Sex Pistols*.

Em 2005, ela usou a frase “*Não sou terrorista, por favor, não me prenda*”, em uma de suas roupas desfiladas, como protesto às leis e ao pânico antiterrorismo em Londres.

Alexandre Herchcovitch pode ser considerado a contraparte brasileira de Vivienne. Dentre seus temas recorrentes, versa sobre temas difíceis da psique humana, como por exemplo, a loucura e a morte. Usa como símbolo a caveira, apresentada em variações diversas. Iniciou sua carreira no submundo paulistano, desenhando roupas para personagens

da noite como prostitutas e *dragqueens*. Era um “estilista estranho para gente esquisita” (Revista ELLE Brasil, junho/2011). Logo se transformou em um dos grandes nomes do design de moda nacional, e conhecido internacionalmente. Marca registrada de Alexandre é fazer mesclas difíceis entre temas e referências, tecidos e acabamentos, com detalhes pouco convencionais. Alguns de seus híbridos conceituais: Rococó + Tropicália (verão 2005/06); *Noir* + Fórmula1 (inverno 1998/1999); Guerra + Paz (verão 2008/09); Princesas + Madrastas (inverno /2003); Hello Kitty + Carmem Miranda (inverno 2004).



Figura 20 – Painel 07, Criadores Inspiradores

As cores, selecionadas de fotos de vestimentas originais de punkas, punks, cangaceiras e cangaceiros, foram escolhidas com certa facilidade por serem cores recorrentes em ambas as tribos, como pode ser visto no Painel 08, Cores. A proposta da coleção dá liberdade para se ater apenas às cores básicas encontradas no universo cangaço-punk, nomeadas em homenagem a elementos naturais do sertão, como pode ser visto na Figura 22.

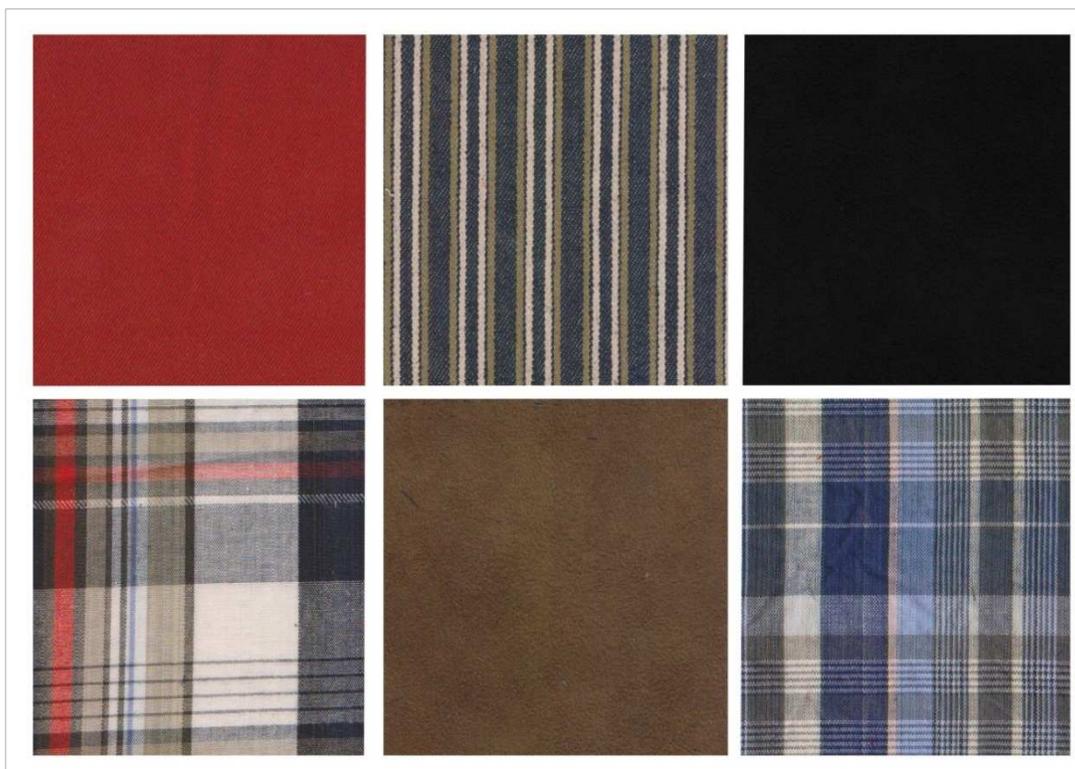


Figura 23 – Painel 10, Referência Têxtil: tecidos selecionados

O painel de referência têxtil (Figura 23) traz as cores do painel de cores, em tecidos naturais e sintéticos com função de emular o couro. As estampas foram escolhidas em função das estampas utilizadas em comum entre o cangaço e o punk: o xadrez e as listras, com preferência para as listras do cangaço, ou a risca de giz. Os nomes dos tecidos e composição das fibras estão apresentados nos nas fichas técnicas dos modelos executados.

9 ESTUDO DE FERRAMENTAS E ESTILO: DEFINIÇÕES

Após a delimitação de questões referentes ao Espaço do Problema, e pesquisa semântica através dos painéis, foi feito o estudo já bem orientado pelos painéis, de ferramentas e estilo, chegando-se nas opções abaixo elencadas:

a) Definição dos Elementos de Estilo

Silhueta: As silhuetas selecionadas são: década de 2000 (contemporânea), 1978 (punk) e 1926 (moda /período de grande repercussão do Cangaço), explicitando o *crossing-over* proposto.

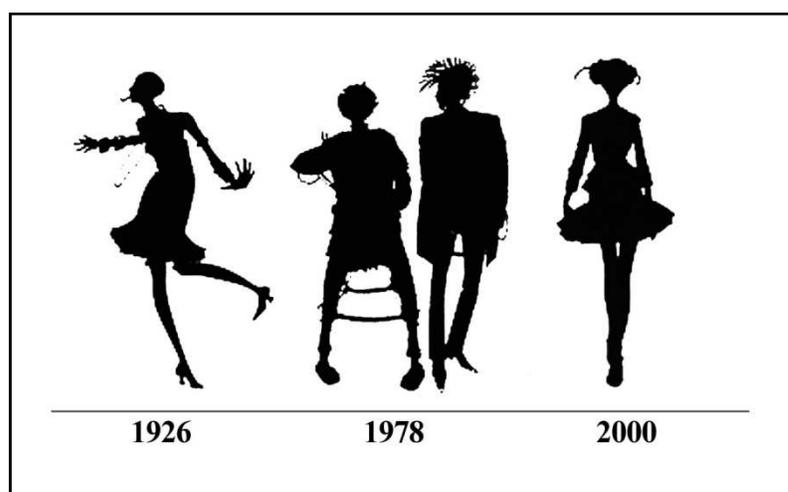


Figura 24 - Selecionadas: Silhuetas de Moda x Épocas. Fonte: Peixe (2011)

Linha: Assimétricas, pontiagudas (ângulos) e semicirculares/círculos. Em estamparia, a risca de gis e o xadrez.

Textura: Com base mais aveludada (couro, como o de cabra), lisa (algodão), “áspera” (jeans).

b) *Ferramentas de Desenho* utilizadas para dirigir o foco de atenção na desenho da coleção: Repetição; gradação; radiação; contraste

c) *Definição dos materiais:* tecidos planos, preferencialmente fibras naturais.

d) *Modelagem:* experimentações sobre desenho de plana - e a partir destas, estudo de uma modelagem sobre manequim (moulage) pela modelista do ateliê do TCA, para piloti.

10 GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS – CROQUIS DESCARTADOS

Seguem nesta seção, uma seleção de alternativas de croquis que foram elaborados porém descartados ao longo da composição da coleção. Estão apresentados em ordem cronológica, nas fases de evolução do desenho e da apropriação das Ferramentas de Desenho, Estilo, para expressão do Conceito.

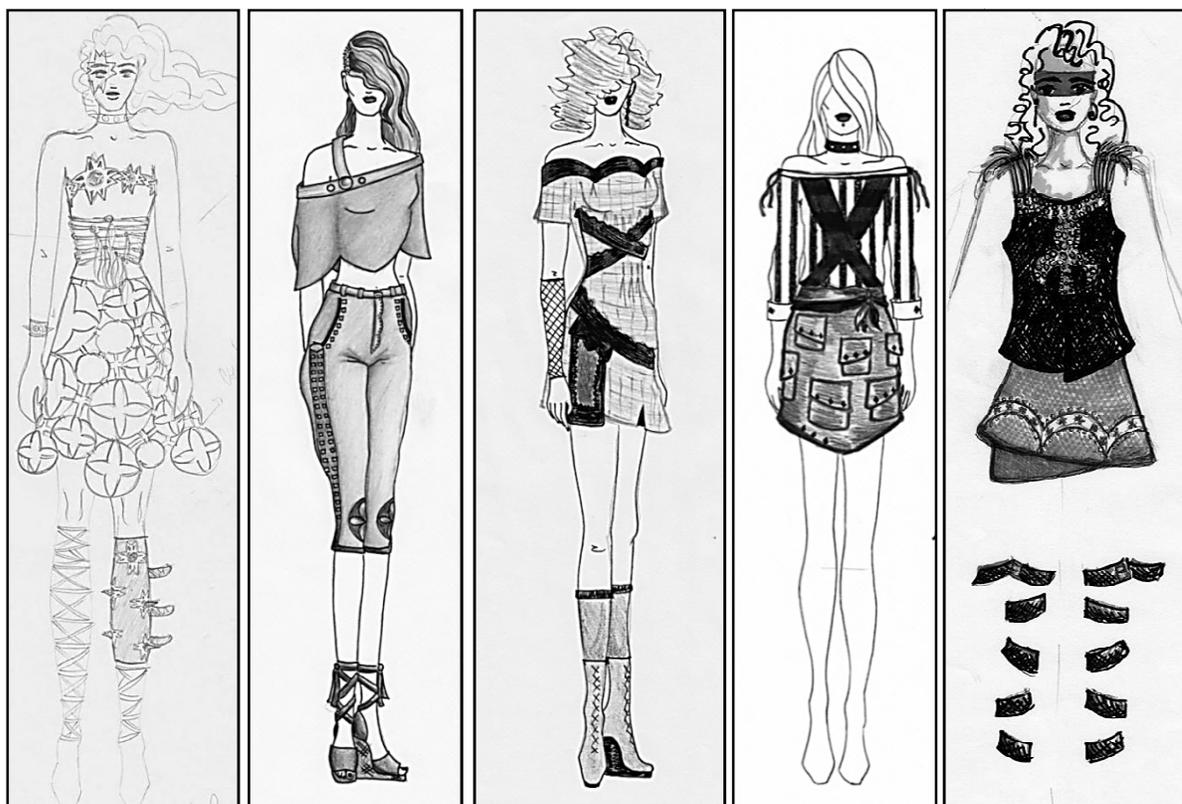


Figura 25 – Croquis descartados – em ordem cronológica. Fonte: Elaboração própria.

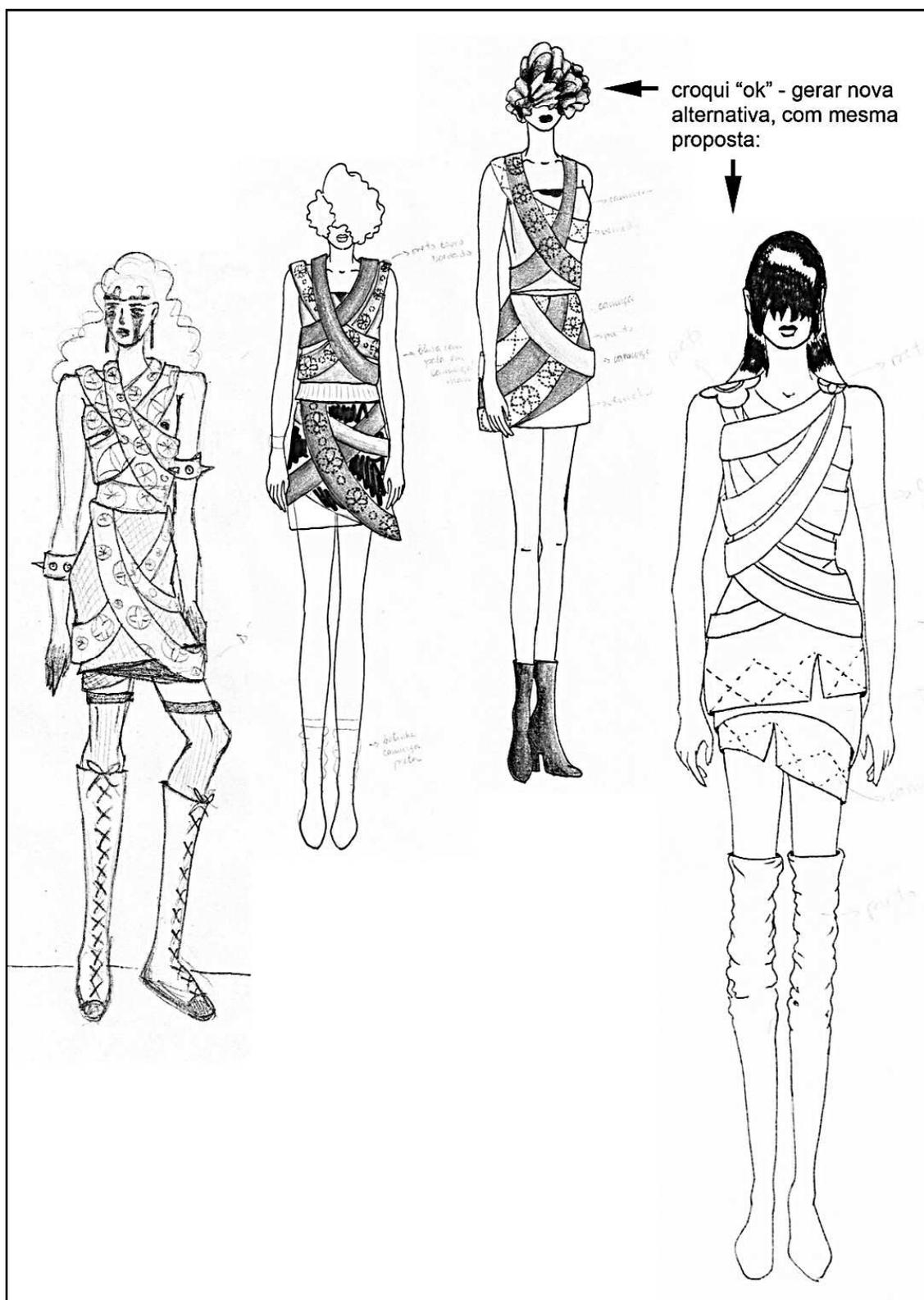


Figura 26 – Exemplo de geração de alternativas: Dois croquis descartados e a geração de dois croquis selecionados. Fonte: Elaboração Própria.

10.1 COLEÇÃO COMPLETA DE CROQUIS

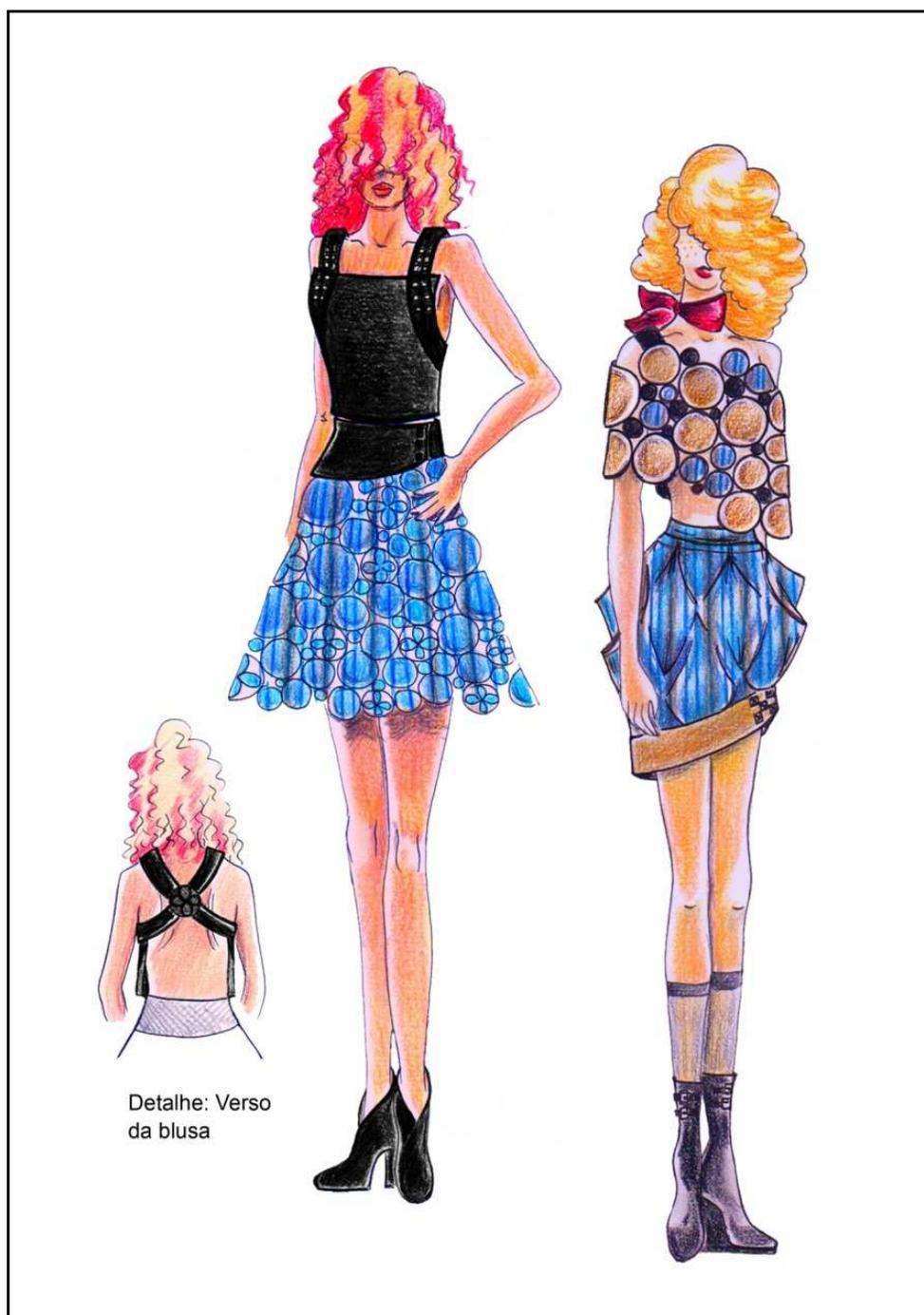


Figura 27 - Croquis da coleção. Fonte: Elaboração própria.



Figura 28 - Croquis da coleção. Fonte: Elaboração própria.



Figura 29 - Croquis da coleção. Fonte: Elaboração própria.



Figura 30 - Croquis da coleção. Fonte: Elaboração própria.

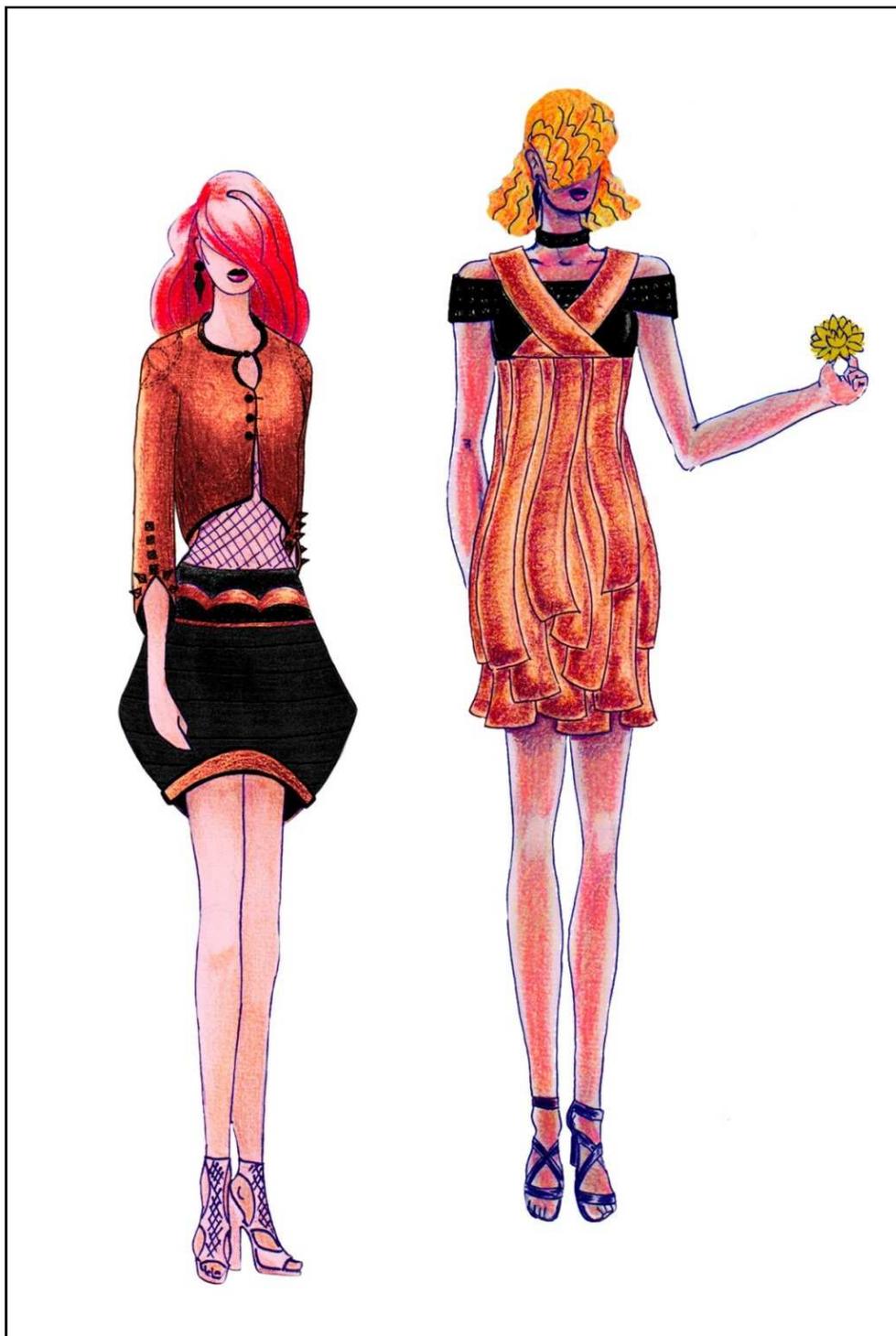


Figura 31 - Croquis da coleção. Fonte: Elaboração própria.



Figura 32 - Croquis da coleção. Fonte: Elaboração própria.



Figura 33 - Croquis da coleção. Fonte: Elaboração própria.

10.2 CROQUIS SELECIONADOS PARA EXECUÇÃO



Figura 34 - Croqui "Mandacaru" selecionado para execução. Fonte: Elaboração própria.

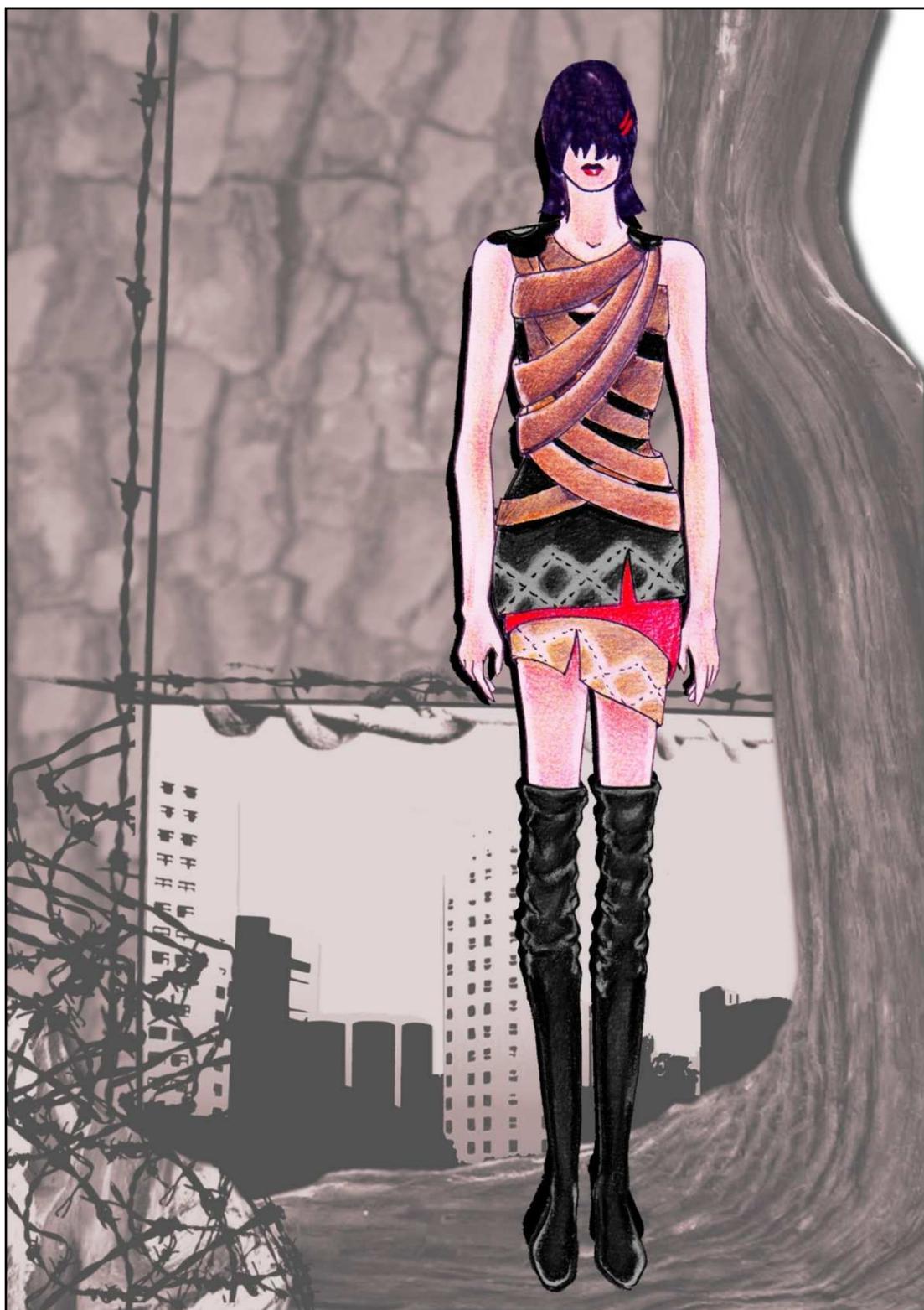


Figura 35 - Croqui "Maria Bonita" selecionado para execução. Fonte: Elaboração própria.

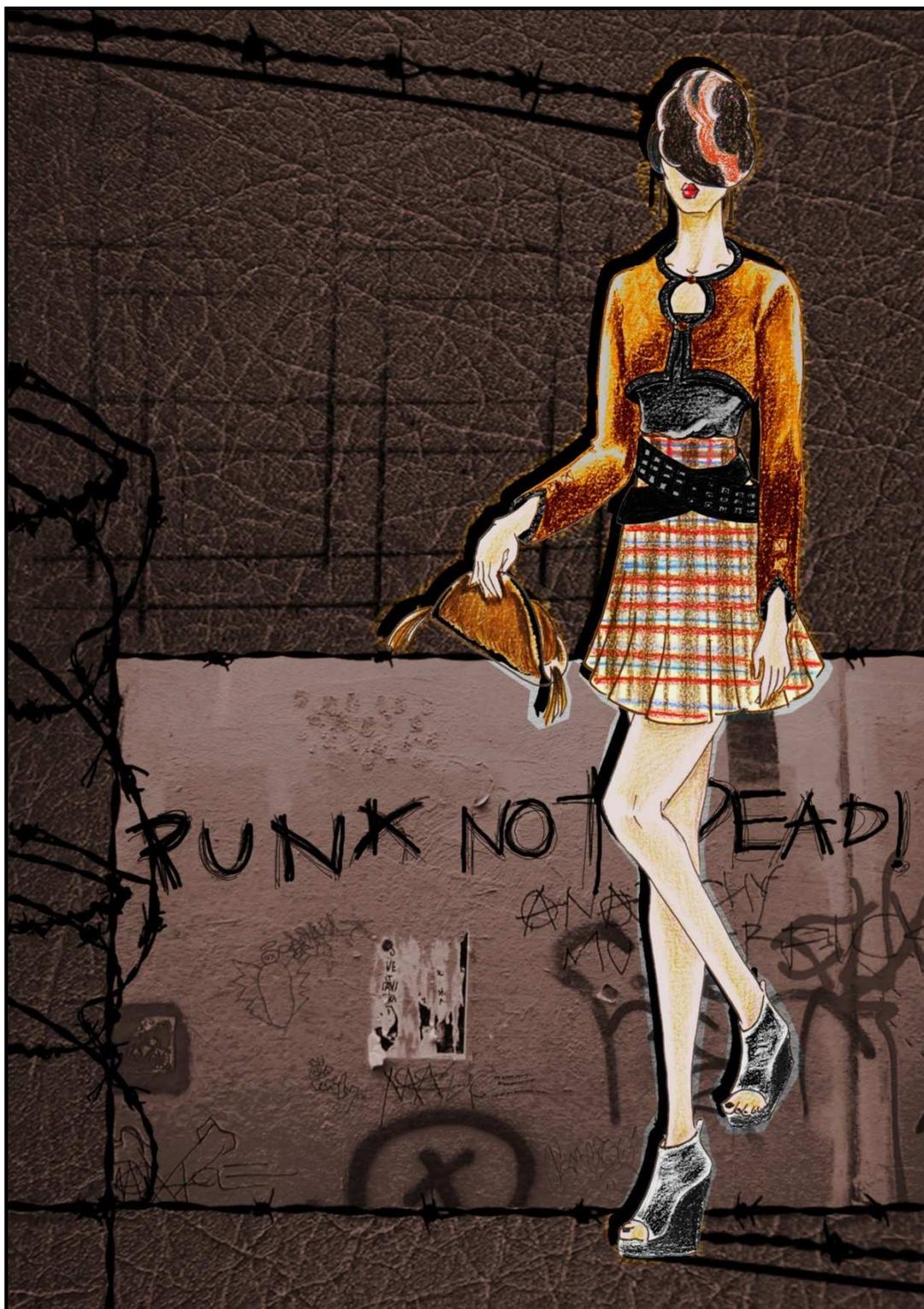


Figura 36 - Croqui "Sertão de cimento" selecionado para execução. Fonte: Elaboração própria.

11 FICHAS TÉCNICAS DE CROQUIS CONFECCIONADOS

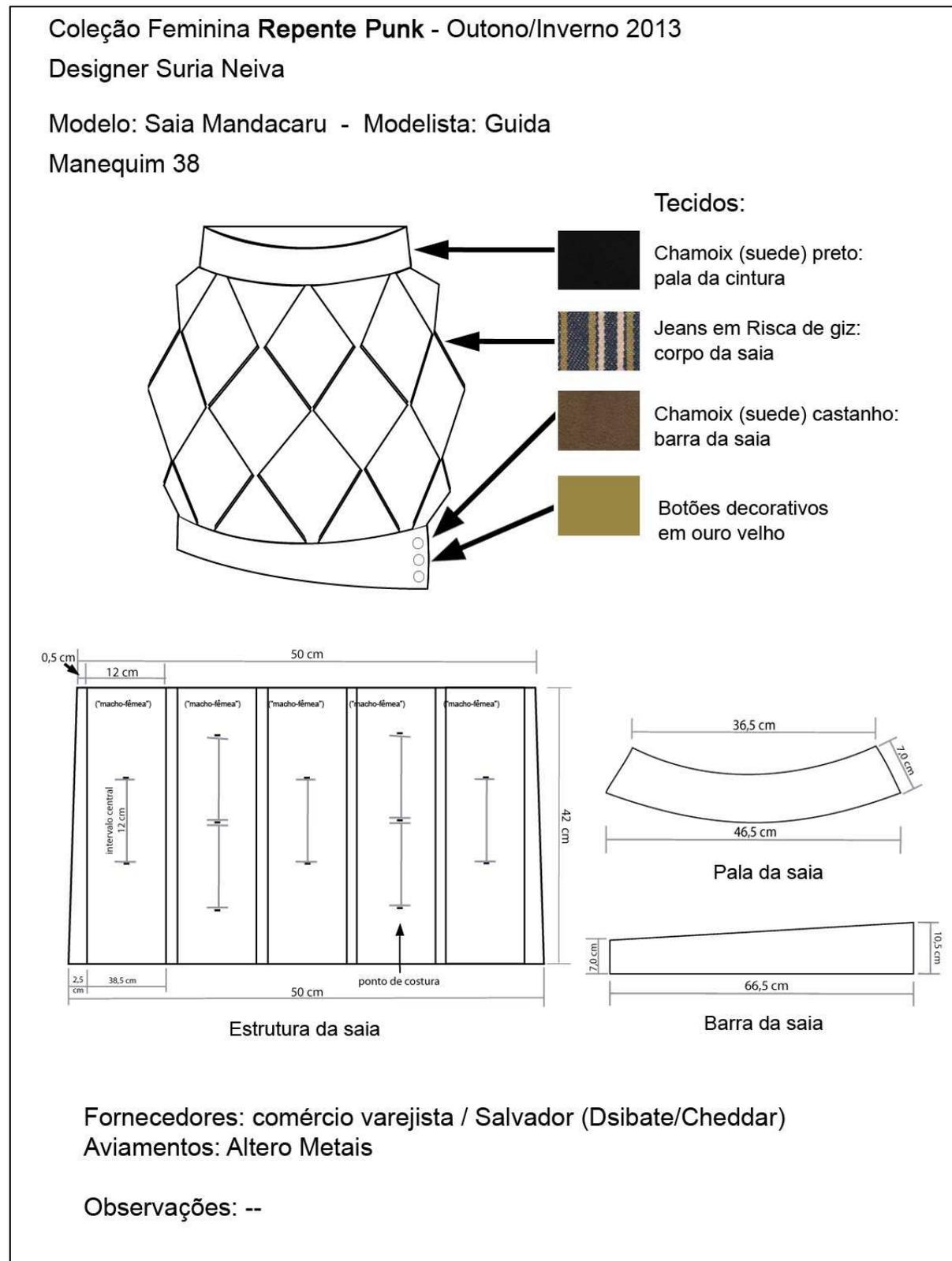


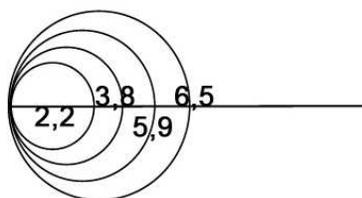
Figura 37 – Ficha técnica n.1. Fonte: Elaboração Própria.

Coleção Feminina **Repente Punk** - Outono/Inverno 2013

Designer Suria Neiva

Modelo: casaqueto Sertão de Cimento

Manequim 38



**Medidas dos
círculos do poncho**

Tecido:



Chamoix castanho:
2 círculos maiores



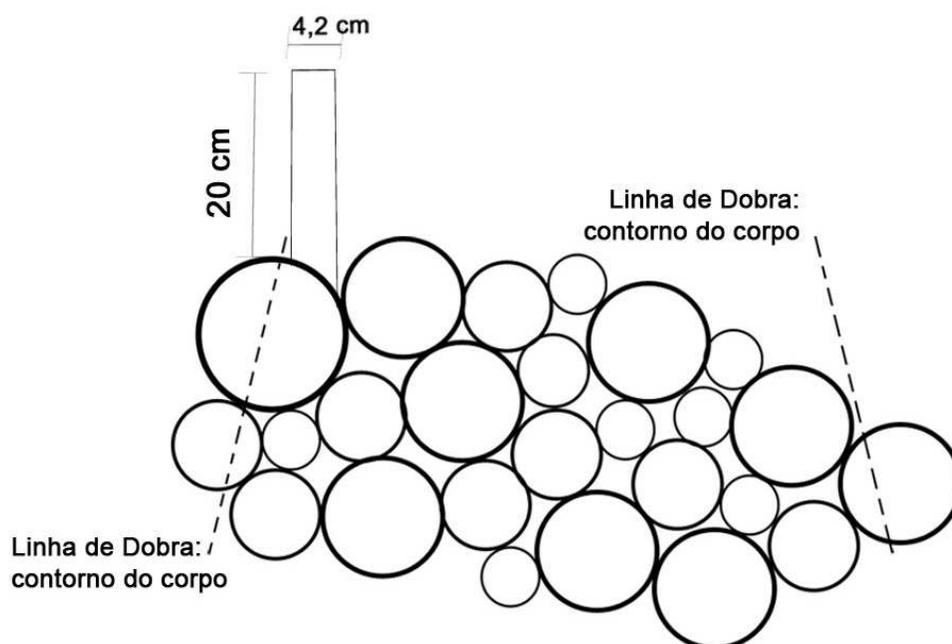
Chamoix preta:
círculo menor e alça



Jeans Risca de giz:
círculos médios

Montagem:

(frente e costas similares, desconsiderando
círculos cruzados com linha de dobra)



Fornecedores: comércio varejista / Salvador (Supermerc. dos Tecidos)

Observações: --

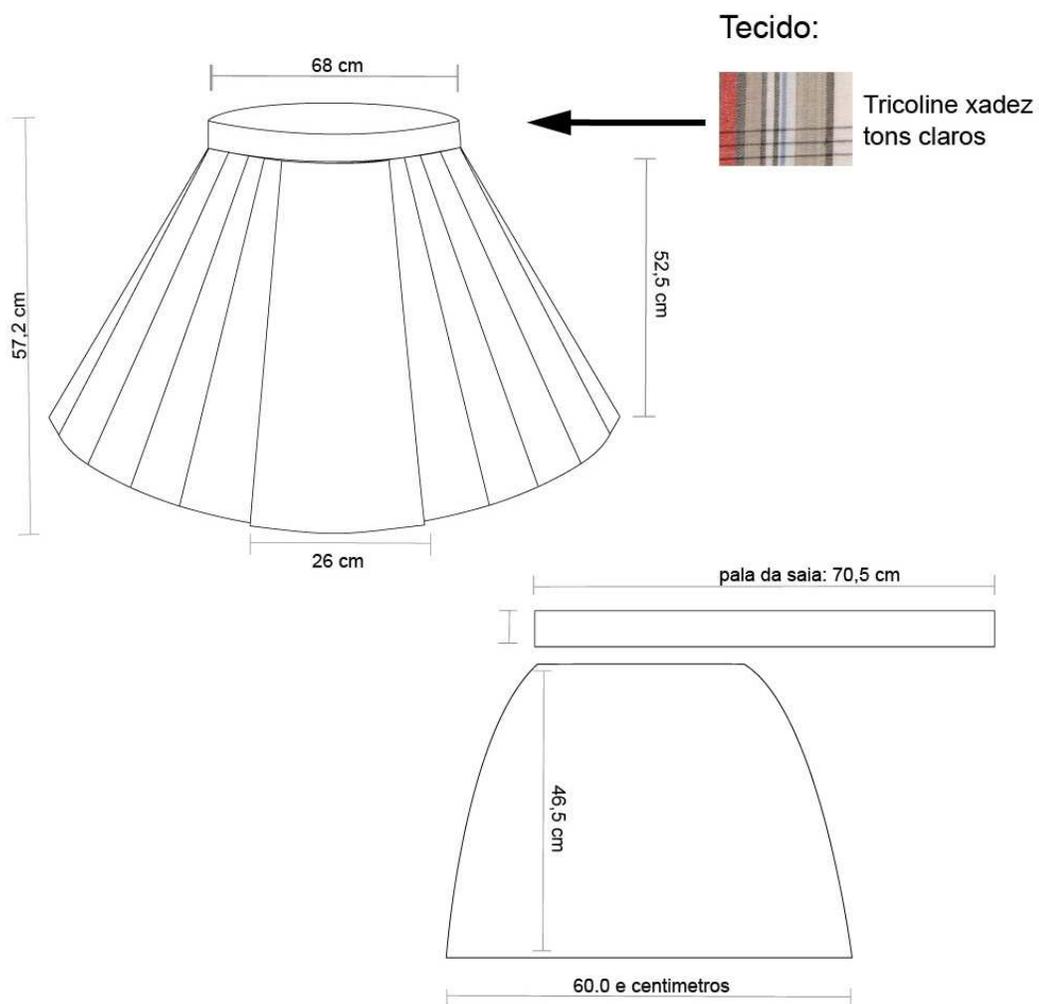
Figura 38 – Ficha técnica n.2. Fonte: Elaboração Própria.

Coleção Feminina **Repente Punk** - Outono/Inverno 2013

Designer Suria Neiva

Modelo: Saia Sertão de Cimento

Manequim 38



Fornecedores: comércio varejista / Salvador (Supermerc. dos Tecidos)

Observações: --

Figura 39 – Ficha técnica n.3. Fonte: Elaboração Própria.

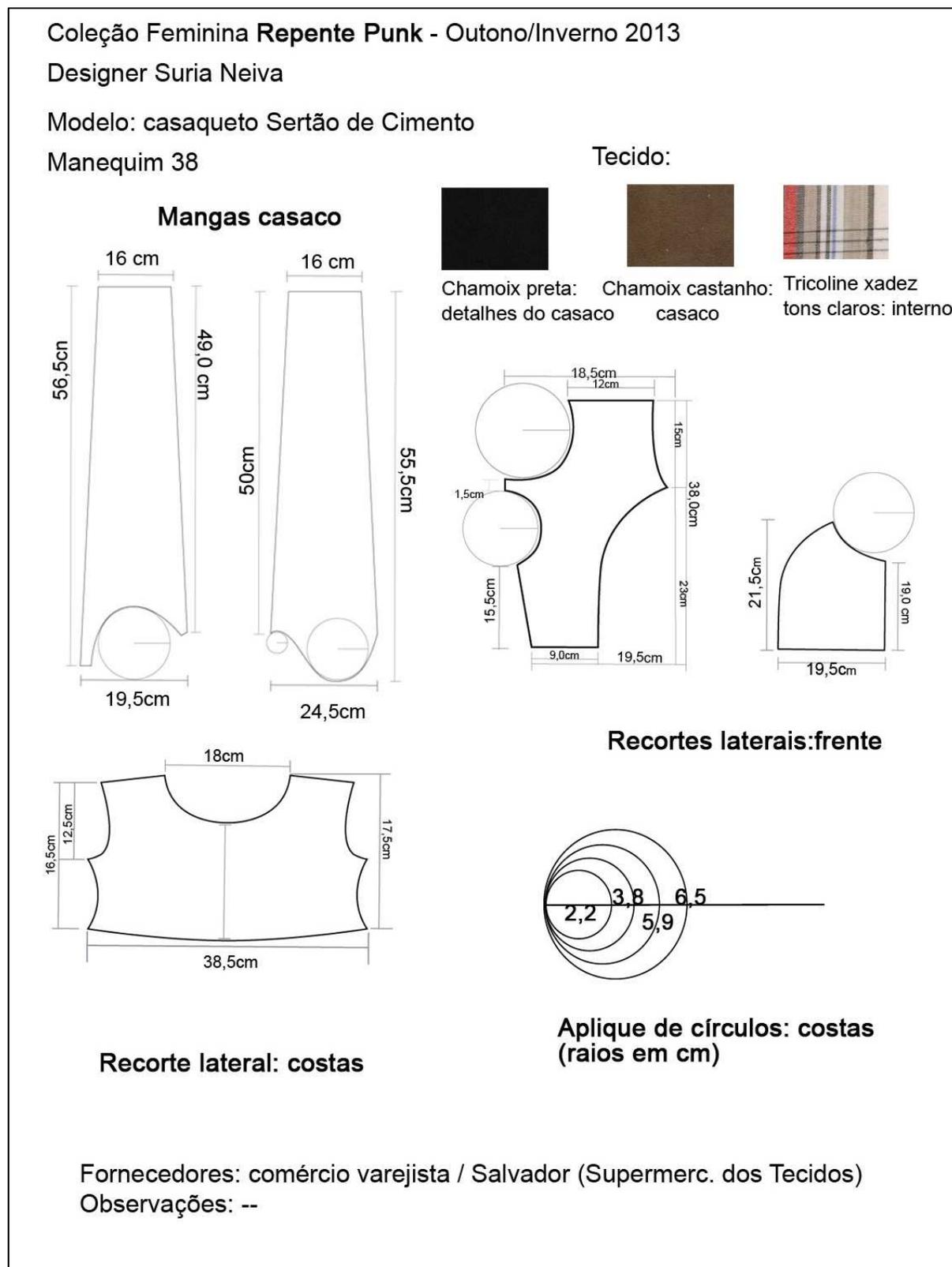


Figura 40 – Ficha técnica n.4. Fonte: Elaboração Própria.

Coleção Feminina **Repente Punk** - Outono/Inverno 2013

Designer Suria Neiva

Ficha Técnica de Tecidos e Aviamentos

tecidos da Coleção, utilizados em pilotis:



Jeans Risca de Giz (ou “Exclusive”):
100% Algodão. 1.40 largura.
 Cheddar Tecidos, Av. Sete de Setembro, n.654



Chamoix castanho liso (ou “suéde”):
100% Poliéster. 1.40 largura.
 Disbate, Av. Sete de Setembro, n.890



Tricoline xadrez azul/bege/marinho/castanho
100% Algodão. 1.50 largura.
 Malha Mania, Av. Oceânica, n. 1211



Gabardine vermelho
93% Algodão 7% Elastano . 1.40 largura.
 Tecidos Moura, Av. Manoel Dias da Silva, n.822



Tricoline xadrez bege/preto/castanho/vermelho
100% Algodão. 1.40 largura.
 Supermercado dos Tecidos, Av. Sete de Setembro, n.348



Chamoix preto liso (ou “suéde”):
100% Poliéster. 1.40 largura.
 Disbate, Av. Sete de Setembro, n.890



Botões em **ouro velho.**
 Altero Metais, Av. Sete de Setembro, n.890

Fornecedores: comércio varejista / Salvador

Observações:

Figura 41 – Ficha técnica n.5, Tecidos e Aviamentos. Fonte: Elaboração Própria.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a imagem é ferramenta de poder, porque o empoderamento da cultura – e da mulher – nordestinas, não podem se valer dessa ferramenta, o design de moda? A partir do trabalho executado, pôde-se averiguar que as possibilidades de criação de design de moda nordestina e especificamente, moda cangaceira, são reais e muito amplas.

A formação de repertório de elementos nesta proposta de moda cangaceira não exclui outras abordagens, mas sim incentiva mais abordagens possíveis, mais recortes, todas as sazonalidades e perfis de consumidoras e consumidores, enfim: mais pesquisa e mais produção de moda via cultura brasileira.

O processo de estudo de moda foi abrangente ao máximo para compreender esta forma do Design tão premente de estudos e indissociável de nossas vidas, mas ao mesmo tempo, excluída do pensamento acadêmico e estigmatizada pelo mito do fútil. Das abordagens filosóficas, sociológicas e antropológicas ao conhecimento técnico e mercadológico, exercitam-se exaustivos e necessários percursos, muitas vezes em idas e vindas: exclusividade do Design de Moda? Evidente que não. Há que se desvelar a face oculta do Design de Moda.

E no estudo sociológico e estético do Cangaço, muitas camadas me esperavam também, mas por sorte, com mais material acessível e referendado do que se pudesse esperar, especialmente no quesito Design de Moda. Acessei uma razoável compilação e registro das informações (estas, cada vez mais abundantes) sobre o universo que as cangaceiras e os cangaceiros habitavam. A profundidade e o relevo dos aspectos sociais e estéticos do Cangaço escapam ao conhecimento do público em geral: a sociedade, especialmente nordestina, deixa de viver sua identidade, ao acabar acatando como verossímeis “caricaturas” sobre sua história, que pouco ou nada contribuem para a apropriação sustentável das culturas do Nordeste e do Brasil.

Quando deparei-me com estudos sobre a moda urbana, facilmente encontrei o Punk, e sobressaíram aos meus olhos, os seus materiais de moda tão análogos aos do Cangaço: acabei por puxar um fio comprido das relações entre Brasil colônia e império e Inglaterra. Descobri um Delmiro Gouveia e sua continental fábrica têxtil Estrela em pleno sertão, descobri que Lampião havia trabalhado na seara de couros e têxteis como almocreve, descobri os tecidos de variadas qualidades e tipos, que aqui vieram parar (e pra ficar, como o xadrez, tão obrigatório

em nosso São João) e também descobri um arrebatamento muito similar, na busca de inspirações estéticas, entre os punks e cangaceiros, uma verdadeira atitude de moda identitária ao buscarem e escolherem tradições e reinventá-las em formas novas, próprias, originais, definidoras de seus modos de estar no mundo.

A coleção produzida e em especial as três peças executadas, permitiram uma visualização de que a moda cangaceira tem um vocabulário próprio a ser explorado, e com muitas possibilidades semânticas a serem desencobertas. Sobre as peças finalizadas, a necessidade de domínio das técnicas de modelagem plana deixou claro que é preciso aprendê-las para transitar no design de moda sem equívocos ou sustos: um dos pilotis, por exemplo, teve sua ficha técnica descartada acidentalmente no ateliê – o conhecimento de modelagem contornaria esse problema, por exemplo. A despeito dessa deficiência técnica, a expressão gráfica nos croquis foi fundamental – e mesmo suficiente – para a interpretação do modelo pelas costureiras e modelistas.

Assim, desenvolver todo um segmento de moda nordestina, e dentro deste, de moda cangaceira, requer mais e mais estudos e expressões do Design de Moda, abrangendo um arcabouço de visualidades e conceitos que já se sabe amplo e rico. Determinar um recorte de moda cangaceira foi um objetivo atingido – mas e estabelecer essa mesma moda cangaceira como um nicho dentro de um segmento de moda nordestino? Muitas resistências a serem vencidas e trabalho a ser feito: Ronaldo Fraga, Lindembergue Farias, dentre outros nomes, já abriram o caminho iniciado por Zuzu Angel.

Como sugestão de estudos futuros em Design de Moda, a moda nordestina e a cangaceira ficam sendo a maior ênfase, mas igualmente recomenda-se ampliar o repertório de modelagens e pesquisa em tecidos artesanais. Assim também merecem pesquisa esmerada os signos nordestinos para propostas de estamparia de moda cangaceira. Sugere-se que sejam feitos igualmente estudos de ordem da semiótica e da história do cangaço, para aprofundamento sobre o fenômeno, em todos os campos que se propuserem: história, antropologia, música, economia...

Não se afastam da forma moda de nossa sociedade nenhuma das vertentes do Design, e assim, também as pesquisas em design de joias, de mobiliário e light design, de livros, tipografia e ilustrações, tem espaço para expressar suas vocações na cultura do Nordeste – e que todas as formas do Design tenham meios e liberdade para serem realizados no Nordeste. Como nordestina, acredito – e hoje decerto mais que ontem, posso dizer que conheço – a nossa vocação no Design.

Antes, até: acredito em nosso talento.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A.; FERREIRA, A.; VIEIRA, J. Blogs & moda – efemeridade, individualismo e multiplicidade na web. **Verso e Reverso**. Ano XXI, n. 47, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/viewArticle/5770/5228>>.

AMORIM, Wander. O Falar Nordestino. In: Blog A Coroa da Moeda. Publicação em blog. 25 out. 2009. Disponível em: <http://acoroadaMoeda.blogspot.com/2009/10/o-falar-nordestino_8703.html>. Acesso em: 7 out. 2011.

ANARQUIA Punk. Sítio. Disponível em: <<http://anarquiapunk.br.tripod.com/anarquiapunk/id1.html>> Acesso em: 12 nov. 2011.

ANGEL, Hildegard. O mundo e Ronaldo Fraga se rendem às rendas brasileiras. **Imagens de matéria**. Portal de Notícias. Disponível em: < <http://noticias.r7.com/blogs/hildegard-angel/2010/10/04/o-mundo-e-ronaldo-fraga-se-rendem-as-rendas-brasileiras/>>. Acesso em 25 jun. 2011.

BARDI, Lina Bo. **Tempos de Grossura**: o design no impasse. 1.ed. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994. 78 p.

BARRETO, A. O. O cangaceiro romântico. In: Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço. **Artigo publicado em site**. Disponível em: < <http://sbecbr.wordpress.com/artigos/>> Acesso em: 02 nov. 2011.

BAXTER, M. **Projeto de Produto**: guia prático para o design de novos produtos. 2.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1998. 260 p.

BEZERRA, M. Entrevista com Frederico Pernambucano de Mello sobre Cangaço. **Revista Nordeste VinteUm**, Fortaleza, Ano 1, v.1, mai. 2009. Disponível em:<<http://lampionaceso.blogspot.com/2009/11/cangaco-e-o-brasil-profundo-entrevista.html>> Acesso em: 05 out. 2011.

BIVAR, A. **O que é Punk**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 183 p.

CADENA, N.V. Um Cangaceiro com Tergal. In: Almanaque da Comunicação. **Texto de blog**. Disponível em: < <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/um-cangaceiro-com-tergal> > Acesso em: 30 ago. 2011.

CARVALHO, Agda. O Design do Corpo Vestido no Lugar/Ambiente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO, 2004, São Paulo. **P&D Design**. São Paulo, 2004.

CASA de Criadores. Lindembergue Fernandes. Site de evento de Moda. **Imagem de Site**. Disponível em:< <http://casadecriadores.uol.com.br/tag/lindebergue-fernandes/>>. Acesso em: 10 set. 2011.

CICONELLO, N. Toolstoy Verão 2012: Pop art de Takashi Murakami se encontra com cangaço brasileiro. In: Backdrop. **Notícia de Blog**. 27 jul. 2011. Disponível em: < <http://backdrop.com.br/blog/bk2future/2011/toolstoy-verao-2012pop-art-de-takashi-murakami-se-encontra-com-cangaco-brasileiro/> > Acesso em: 01 out. 2011.

CLEMENTE, M. E. A. Cangaço e Cangaceiros: Histórias e imagens fotográficas do tempo de Lampião. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v.4, ano 4, n.4, out./nov./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/artigos13.php>>

COUTINHO, L. G. Da metáfora paterna à metonímia das tribos: Um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo. **RUBEDO – Revista de Psicologia Junguiana e Cultura**, Rio de Janeiro, Ano II, n.4, Jan. 2000. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/indgeral.htm>>

DALL'ONDER, G. S. **Análise projetual de metodologias para desenvolvimento de produto de moda na indústria do vestuário**. 2007. 178 f. Monografia (Curso de Tecnologia do Vestuário) – Faculdade Educacional de Dois Vizinhos, Unisep, Dois Vizinhos, 2007.

DUGNANI, P.; CRUZ, L. A. Mitologia e pós-modernidade: Proteu, Argos e Narciso – Os mitos e seus reflexos na sociedade. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**. Valinhos, Vol.1, n.1, p.201-206, 2007.

FROIS, Milton. Blog de moda. **Imagens de Moda**. Disponível em:
<<http://miltonfrois.blogspot.com/>>

GIES, S.; CASSIDY, T. Design de Moda Brasileiro Contemporâneo: Evidências Culturais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 9, 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2010. Disponível em:
<<http://blogs.anhembibr.com/congressodesign/anais/>>.

GODART, F. **Sociologia da Moda**. 1.ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. 155 p.

GOMES, C. E. Autoritarismo x Capitalismo no Tempo do Cangaço. In: Seminário Cariri Cangaço. Publicação em **site**. Dez. 2009. Disponível em:
<<http://cariricangaço.blogspot.com/2009/12/autoritarismo-x-capitalismo-no-tempo-do.html>>.
Acesso em: 18 out 2011.

GOMES, D. T. Moda, descobrindo caminhos sustentáveis. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESIGN SUSTENTÁVEL, 2, 2009, São Paulo. **Anais...** Mossoró, 2009.

GRITO Punk. **Site de Produtora Punk**. Disponível em: <<http://www.gritopunk.hpg.com.br>>.
Acesso em: 10 set. 2011.

HAAG, C. Sem idéia na cabeça e uma arma na mão. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n.137, Julho 2007. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=3278&bd=1&pg=1&lg>>.
Acesso em: 05 out. 2011.

IGUATEMI São Paulo. Iguatemi FilmeFashion. In: FilmeFashion.tv. **Catálogo do evento**. 2007. Disponível em: <<http://www.filmefashion.tv/catalogos-filmefashion/iguatemiff/>>.
Acesso em: 12 nov. 2011.

INSTITUTO de Artes da UNICAMP. Coletânea de matérias em revistas e jornais. **Site universitário**. Disponível em: <<http://www.iar.unicamp.br/videoteca/criticas/106.htm>>
Acesso em: 21 ago. 2011.

INSTITUTO Zuzu Angel. Blog do Instituto. **Imagens de blog**. Disponível em: <<http://institutozuzuangel.blogspot.com/2010/07/sobre-zuzu-angel.html>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

LAVER, J. **A Roupas e a Moda**: Uma história concisa. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 285 p.

LEE, E. Y. Jum Nakao: confluências entre arte e moda. In: CICLO DE INVESTIGAÇÕES PPGAV – UDESC, V, 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2010.

LIMA, C. A Estampa no Cangaço. In: Celso Lima Estamparia. **Publicação de blog**. 20 abr. 2011. Disponível em: <http://celsolima.zip.net/arch2011-04-17_2011-04-23.html#2011_04-20_14_35_24-122338151-0> Acesso em: 19 out. 2011.

LIMA, E. A. O. Estilo e Cangaço: A roupa na configuração da imagem dos cangaceiros. In: ENCUESTRO LATINOAMERICANO DE DISEÑO, 2007. **Anais...** Buenos Aires, 2007.

LINS, D. **Lampião**: o homem que amava as mulheres. 1. ed. São Paulo: Annablume, 1997. 220 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: A moda e seu destino nas sociedades modernas. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 296 p.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 232 p.

MAGANI, J.G.C. Tribos Urbanas: Metáfora ou Categoria? Cadernos de Campo. São Paulo, v.2, n.2, 1992. Disponível em: <<http://antropologiausp.blogspot.com/2010/05/cadernos-de-campo-vol-2-n-2-1992.html>>. Acesso em: 12 set. 2011.

MAGNUS, B. E.; HAMESTER, F.; GOMES, L. Metodologia Projetual para Design de Moda: Planejamento, Desenvolvimento e Apresentação de Coleção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://www.design.ufpr.br/ped2006/home.htm>>

MAHLMEISTER, E. A. P. Design de Moda Pós-Moderno: O Jeans como referência. **Revista Design, Arte e Tecnologia**. São Paulo, n.4, 2008. Disponível em: <<http://portal.anhemi.br/sbds/pdf/26.pdf>>

MANTOVANI, D. D. et al. Moda e Identidade: individualização e socialização. **Revista Eletrônica de Comunicação**. Franca, Ano 2009, ed. 7, Jan./Jun. 2009. Disponível em: <<http://www.facef.br/rec/ed07/ed07.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

MAYNARD, Dilton C.S. O Anti-Macunaíma: Mário de Andrade e a Mitificação de Delmiro Gouveia. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v.4, ano 4, n.4, out./nov./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/artigos13.php>>

MELLO, Frederico Pernambucano. **Estrelas de couro**: a estética do cangaço. São Paulo: Escrituras Editora, 2010. 253 p.

MELLO, Frederico Pernambucano. **Resposta a Alcino**. In: Blog Lentes Cangaceiras. Publicação do blog. 16 nov. 2010. Disponível em: <<http://lentescangaceiras.blogspot.com/2010/11/resposta-alcino.html>> Acesso em: 05 out. 2011.

MELLO FILHO, A. O Designer e o Design de Marca Contemporânea. **Fragments de Cultura**. Goiânia, v.20, n.3/4, p. 181-189, mar./abr. 2010. Disponível em: <<http://revistas.ucg.br/index.php/fragmentos/issue/view/101/showToc>> Acesso em: 14 jul. 2011.

MENDES, Ana Paula. Croqui da coleção O Punk do Cangaço. **Imagens de portfólio virtual**. Disponível em: <<http://www.clicfolio.com/clicfolio/imagem.php?id=4653>>. Acesso em: 18 set. 2011.

MENDONÇA, M. H. Cenas do sertão na cultura contemporânea: Revendo o cangaço e Lampião. **E-TEC - Revista Científica do Departamento de Tecnologia do Uni-BH**, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.unibh.br/revistas/etec/>> Acesso em: 12 ago. 2011.

MERLO, M.; NAVALON, E. Processos projetuais para a criação em Design de Moda: pesquisas teóricas e referenciais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 9, 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://blogs.anhemi.br/congressodesign/anais/>>.

MOREIRA, B. R.; SCALETISKY, C. C. O uso de instrumentos de design na construção de eventos de moda. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 9, 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://blogs.anhemi.br/congressodesign/anais/>>.

MOTA, Maria D. de B. Moda e Subjetividade: Corpo, roupa e aparência em tempos ligeiros. **Modapalavra e-periódico**. Florianópolis, Ano 1, n.2 ago-dez 2008. Disponível em: <<http://www.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao2/artigos.php>>. Acesso em: 10 jul.2011.

MOURA, J. P. F. O Cangaço e a Identidade Regional e seus Reflexos no Processo de Ensino e Aprendizagem. In: FÓRUM DO CANGAÇO, XII, 2010, Mossoró. **Anais...** Mossoró, 2010.

MOURA, R. Moda: Espelho Social ou Construção das Aparências. **Revista Litteris**. n.4, mar. 2010. Disponível em: <http://www.revistaliteris.com.br/page_27.html> Acesso em: 22 ago. 2011.

MUNARI, B. **Das coisas nascem coisas**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 378 p.

NASEH, Charles. Revista Eletrônica de Moda e Beleza Moda Mundi. **Imagens de Site**. Disponível em: <http://www.modamundi.com.br/vitrine_view.php?id=000769&id_sessao=000008>. Acesso em: 28 jun.2011

PACCE, Lilian. A coleção alta-costura “avatar” de Jean-Paul Gaultier. Portal Hotmail de Moda. **Imagens de blog**. Disponível em < <http://msn.lilianpacce.com.br/home/jean-paul-gaultier-avatar/>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

PAIM, Iana. **O Movimento Romântico como Inspiração para o Design de Moda: Planejamento e Desenvolvimento de Coleção**. 2009. 96f. Projeto (Graduação em Design) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

PEIXE Fresco. **Blog de moda**. Disponível em: < <http://opeixefresco.com/>>. Acesso em 05 set. 2011.

PIGNATARI, D. Comunicação e cultura de massas. In:_____. **Informação. Linguagem. Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968. cap.6, p. 79-94.

PIGNATARI, D. Apêndice. In:_____. **Informação. Linguagem. Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968. Apêndice, p. 97-140.

PITOMBO, R. Moda, Cultura e Sentido. **Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**. São Paulo, n.3, p. 140-157, jul 2003.

PIZA, Renata. Patchwork de Idéias: Alexandre Herchcovitch. **Revista Elle**. Edição brasileira, ed. 278, ano 14, p.68-81, jul. 2011.

POLLINI, D. **Breve História da Moda**. São Paulo: Claridade, 2007. 96 p.

PRECIOSA, R. Anotações sobre Design de Moda e Antropofagia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN. 3, 2005. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005.

REPRESALIA. **Microdocumentário Punk**. Vídeo de Youtube. 31 out. 2007. Disponível em: < http://youtu.be/Vfcsy_McUs0>. Acesso em: 19 out. 2011.

RESENDE, Barbara. Forum Tufi Duek: Incrivelmente chic (spfw). Blog de Moda. **Imagens de Moda**. Disponível em: < <http://fashiongazette.wordpress.com/2008/06/18/forum-tufi-duek-incrivelmente-chic-spfw/>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

ROCHA JR, D. B.; MOTA, M.Q. **Tradição e modernidade no design da moda pernambucana**: o novo consumo ancorado no valor estético. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN, 5., 2009, Bauru. **Anais...** São Paulo, 2009. p. 1780-1785.

RODRIGUES, Irene G. Antropologia e Design: o olhar antropológico do designer. In: MOURA, M. (Org.). **Faces do Design 2**: Ensaios sobre arte, cultura visual, design gráfico e novas mídias. São Paulo: Rosari, 2009.

ROSA, S. M. Metodologia projetual: Uma ferramenta em constante mutação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM PESQUISA EM DESIGN, 3, 2005. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, G. P. **A linguagem do Vestuário, Expressão de Culturas:** Um estudo da produção do estilista Eduardo Ferreira. 2003. 103 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SANTOS, Renata. Zuzu Angel: mais atual do que nunca. Blog de Moda Looklegal. **Imagens de Blog.** Disponível em: < <http://looklegal.blogspot.com/2011/10/zuzu-angel-mais-atual-do-que-nunca.html>>. Acesso em: 28 out. 2011

SCHUABB, Paula. Imagens de fotoblog. 2010. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/paulaschuabb>> Acesso em: 18 out. 2011.

SEIVEWRIGHT, Simon. **Fundamentos de Design de Moda:** Pesquisa e Design. 1.ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 176p.

SILVA, Amabilis de J. **Figurino-Penetrante:** Um estudo sobre a desestabilização das hierarquias em cena. 2010. 178 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro e Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SILVA, G. J. Estado da Arte – Moda. In: SILVA, G. J. **Design 3D em tecelagem jacquard como ferramenta para a concepção de novos produtos:** aplicação em acessórios de moda. 2005, 169 f. Dissertação (Mestrado em Design e Marketing) – Escola de Engenharia, Univesridade do Moinho, Guimarães, 2005.

SILVA, Paula R. **Sistema de Identidade Visual da Empresa Reis:** um estudo sobre produtos de moda e design de superfície. 2009. 44f. Memorial Descritivo (Graduação em Desenho Industrial) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SIMÕES, D. S.; MARTINS, L. B.; WAECHTER, H. N. Metodologias e Design de Moda – Novas Necessidades, um Novo Olhar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ERGONOMIA, 15, 2008. Porto Seguro. **Anais...** Porto Seguro, 2007.

SOARES, M. C. C. As influências de Lampião e do Cangaço na Moda. In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE SENAC, 2007, Pernambuco.

Anais... Pernambuco, 2007. Disponível em: <
http://www.pe.senac.br/ascom/faculdade/Anais_EncPesqExt/I/anais/comunicacao/018_2007_oral.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2011.

SOUSA, Cyntia S. M. de; Hardagh, C. C. Problematizando o Design de Moda – O Papel da Disciplina Metodologia de Projeto. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 8, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008.

SOUZA, P. de M. A moulage como implemento do processo de desenvolvimento do produto de moda. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7., 2006, Curitiba. **Anais...** São Paulo, 2006.

STELLING, W. Industria Têxtil na Bahia – O Apogeu no Século XIX e Tendências Atuais. In: **Caderno de Análise Regional**. Salvador: Desenbahia. 2011. Disponível em:
<http://www.desenbahia.ba.gov.br/Estudos_Caderno_Analise_Regional.aspx >. Acesso em: 11 out. 2011.

SUGIMOTO, L. Lampião no imaginário popular. **Jornal da UNICAMP**. Campinas, 24-30 mar. 2008. p.12.

TEDESCO, J. C. Georg Simmel e as ambiguidades da modernidade. **Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo, v.43, n.1, p.57-67, jan-abr 2007.

TREPTOW, D. **Inventando Moda: Planejamento de Coleção**. 4.ed. Brusque: D. Treptow, 2007. 212 p.

TRIDAPALLI, L. **Calçado de Luxo feito com Materiais Ecologicamente Corretos**. 2008. 134f. Monografia. (Graduação em Design de Moda) – Universidade Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2008.

TRONCA, F.Z. O estilo enquanto lógica de identificação: elo entre as características expressivas complexas que se coadunam no trânsito do processo histórico e a manifestação

expressiva particular e singular de um indivíduo. **Modapalavra e-periódico**. Florianópolis, n.2 jul-dez 2008. Disponível em:
<<http://www.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao2/ensaios.php>>. Acesso em: 07 out.2011.

UDALE, J. **Fundamentos de Design de Moda: Tecidos e Moda**. 1.ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 176p.

VALADARES, Regina. Amapô em ritmo de maracatu (SPFW verão 2010/2011). Revista Eletrônica de Moda Elle. **Imagens do Site**. Disponível em:
<<http://elle.abril.com.br/desfiles/amapo/spfwverao2011-563129.shtml>>. Acesso em: 25 jun. 2011.

VIEIRA, Tiago de J. (Des)Caminhos da Identidade Punk: Uma Trajetória de Especificidades. **Revista Trías**. n.2 jan-abr 2011. Disponível em:
<<http://www.revistatrias.pro.br/index.php/edicoes-anteriores/80-n2.html>>. Acesso em: 14 set.2011.

VILLELA, J.M. Societa Sceleris: Cangaço e formação de bandos armados no sertão de Pernambuco. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**. Porto Alegre, Ano 1, n.2, p. 143-164, dez. 2011.

WHITELEY, N. O designer valorizado. **Arcos Design**. Rio de Janeiro, v.1, n. único, p. 63 – 75, out. 1998. Disponível em: <<http://www.esdi.uerj.br/arcos/ant01.html>>

APÊNDICES

APÊNDICE A – Relatórios de Atividades

RELATÓRIO DE ATIVIDADES

NOME Suria Seixas Neiva

Datas: entre 22 /10 e 07/11

1. Descrição das Atividades: Pesquisa e Aprendizado em Tecidos

Locais: Salvador; Feira de Santana.

2. Pesquisa de Tecidos

Informações escritas sobre tecidos não alcançam ou substituem a necessidade do conhecimento empírico do tecido: composição, toque, peso, caimento, maleabilidade, tipo e ordem das fibras, brilho, cores e tonalidades conseguidas, transparência, resistência, absorção de água, fixação de cheiros e manchas, fixação de tinturas. Pesquisa de campo é fundamental, um exercício interminável.

3. Situações positivas: Aprendizado

O aprendizado empírico sobre tecidos é cumulativo. Uma vez que se experimente e se aprenda o repertório de propriedades de um tecido, reconhecer tais qualidades em outro tecido se torna mais fácil e quase automático, até mesmo quando se percebem oposições: brilho cintilante/brilho fosco/sem brilho; maleabilidade/falta da mesma, etc.

4. Situações adversas: Desinformação

Dados técnicos sobre tecidos são normalmente destinados aos grandes compradores, gerando uma desinformação generalizada no setor comercial têxtil atacadista. Este também não conta com mão de obra especializada, de modo geral. Inventam-se nomes, composições, origem, natureza dos pigmentos... Com novos beneficiamentos e tecnologias para tecidos sintéticos, alguns tecidos se tornam,

propositadamente, similares ao tecido natural. Mas sem truques como queimar um retalho do tecido – o sintético produz chama alta e vira “plástico queimado” – pode-se receber uma ficha de composição do tecido completamente equivocada.

5. Possíveis questionamentos

Os nomes fantasia abundam, mascarando o fio e o fim da cadeia produtiva em moda, ou mesmo para uma esporádica compra. Quem lucra com essa desinformação?

6. Outras observações:

Estudando o histórico do cangaço, esbarrei na figura do Coronel Delmiro Gouveia, o “antimacunaíma⁷” da indústria têxtil no Nordeste, que havia sido ninguém menos que empregador de um adolescente, almocreve de couros e tecidos, chamado Virgulino Ferreira da Silva - o futuro Capitão Lampião. Dentre as muitas empresas que Delmiro estabeleceu, como a da importação de couros finos, a têxtil era considerada de ponta, da tecnologia do maquinário às regulações trabalhistas, extremamente avançadas para a época. Um personagem e tanto para se estudar e entender os vários aspectos em que o nordeste e os nordestinos foram boicotados, na história do Brasil.

Hoje, ao estudar e produzir moda, precisamos conhecer, entender, selecionar e consumir tecidos: percorremos alguns bairros e ruas tradicionais de Salvador, e necessariamente contamos com menor variedade de artigos, com qualidade rara e cara, e ainda com a inexistência de padronização das referências dos produtos, quando as há. Viajamos para Feira de Santana, e lá também o comércio é fator desagregador de uma produção mais consistente de moda: o que é seda valentina pra um, é viscose de poliéster para outro. Às vezes é a mesma coisa – às vezes, não.

E além disso, paga-se literalmente caro à falta de informação e de produção têxtil e até mesmo rural de matérias-primas, desde o algodão ao linho, para não dizer dos industriais derivados de petróleo. A falta de profissionalização do setor

⁷ AYNARD, Dilton C. S. O Antimacunaíma: Mário de Andrade e a mitificação de Delmiro Gouveia

fornecedor aos designers de moda, e a abandonada tradição industrial têxtil local é assunto para muitas páginas e muitos dias futuros. Que tenhamos não apenas um, mas muitas iniciativas como a de Delmiro Gouveia, o ícone que completa a tríade de mitos nordestinos: Antonio Conselheiro na fé, Lampião na luta, Delmiro Gouveia no trabalho.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES

NOME Suria Seixas Neiva

Datas: entre 07 /11 e 27/11

1. Descrição das Atividades: Acompanhamento de modelagem e costura

Locais: Salvador

Ateliês:

Márcia Ateliê de Costura

Endereço: Rua Araújo Pinho, nº 1 / Sobreloja

Centro Técnico do Teatro Castro Alves – Ateliê de Figurino e Adereço

Endereço: Lgo Campo Grande, nº 331 / Subsolo “– 2”

2. Modelagem

A modelagem foi discutida inicialmente com a Professora Carol Barreto e em derivação das suas orientações com as modelistas de cada atelier (Dinah, de Márcia, e Guida do TCA). Constei ainda com a ajuda do Coordenador de Figurino do TCA, Cássio Caiazzo, no ateliê de Márcia, para resolver problemas de encaixe de camadas no modelo Maria Bonita. A modelagem que apresentou maior dificuldade,

foi a saia do modelo Mandacaru, por ser justamente de moulage experimental, a qual foi executada satisfatoriamente segundo croqui.

3. Situações positivas: Aprendizado

No acompanhamento paralelo dos dois ateliês, percebi que é fundamental ter conhecimentos intermediários de modelagem, corte e costura e moulage. Aprendi como visualizar a modelagem no tecido (sentido do fio, maneiras de se cortar o tecido para aumentar elasticidade da peça, encaixes), e a insistir na execução conforme planejado, e não conforme o “mais comum de se fazer”, que implica em maior dificuldade nas peças.

4. Situações adversas:

A prática de algumas modelistas desconsidera o molde original, podendo se perder o registro de modelagem. A modelagem da peça Maria Bonita foi acidentalmente descartada no atelier, gerando refazimento da modelagem para posterior registro em ficha técnica.

5. Possíveis questionamentos

6. Outras observações: Registro Fotográfico do Processo









APÊNDICE B – Relatórios de Custos

Planilha 1: PILOTIS (mocapes)

<i>Projeto:</i>	Coleção de Moda Repente Punk Outono/Inverno 2013			
<i>Aluna:</i>	Suria Seixas Neiva			
Despesas	Data	Detalhes		Valor
Costureiras	nov/11	Márcia		R\$ 80,00
		Celinha (TCA)	(Teatro Castro Alves)	Preço das 3: R\$ 560,00
		Letícia (TCA)	(Teatro Castro Alves)	
Modelista	nov/11	Guida (TCA)	(Teatro Castro Alves)	
		Subtotal		R\$ 640,00
Tecidos	Metragem	Tipo de tecido	Local de Compra	
Pilotis:	4,20m x R\$ 20,90	Jeans risca de giz	Cheddar	R\$ 87,78
01, 02, 03	1,65m x R\$ 23,90	Chamoix preto (suedine)	Disbate	R\$ 39,43
	3,00m x R\$ 23,90	Suede marrom (suedine)	Disbate	R\$ 64,53
	4,00m x R\$ 19,90	Tricoline xadrez bege	Supermerc. Tecidos	R\$ 79,60
	1,20m x R\$ 24,70	Gabardine vermelho	Tecidos Moura	R\$ 29,74
Aviamentos	(unidades)	2 tubos de linha	Casa MAQ	R\$ 5,00
		2 ziperes	Daimaru	R\$ 1,50
		Metais (botões, etc)	Altero metais	R\$ 12,60
		Subtotal		R\$ 320,18
Extras	Tecidos	Tecidos da coleção – não costurados		
	4,00m x 15,90	Tricoline xadrez azul	Mix Malhas	R\$ 63,60
	2,00m x R\$ 9,90	Algodão Devorê p/b	Mix Malhas	R\$ 19,80
		Subtotal		R\$ 83,40
		Descartados		
	4,00m x R\$ 16,00	“Seda” Valentina (?)	Tecidos Moura (Feira de Santana)	R\$ 64,00
	4,00m x R\$7,90	Viscose vermelha	M@lhas.com	R\$ 31,60
		Subtotal		R\$ 95,60

TOTAL GERAL PLANILHA PILOTIS:				R\$ 1.138,58

Planilha 2: LIVROS

<i>Projeto:</i>	Coleção de Moda Repente Punk Outono/Inverno 2013
<i>Aluna:</i>	Suria Seixas Neiva

Livros seminovos:	Autoria	Valor (c/frete)
Das Coisas nascem Coisas, 2002	Bruno Munari	R\$ 40,00
Tempo de Grossura: O Design no Impasse, 1994	Lina Bo Bardi	R\$ 30,00
Lampião: o homem que amava as mulheres, 1997	Daniel Lins	R\$ 15,00
Pesquisa e Design de Moda, 2009	Simon Seivewrghht	R\$ 60,00
Breve História da Moda, 2007	Denise Pellini	R\$ 15,90
Estrelas de Couro: A Estética do Cangaço, 2010	Frederico P. de Mello	R\$ 94,50
Tecidos e Moda, 2008	Jenny Udale	R\$ 39,00
-----	Subtotal:	R\$ 294,40

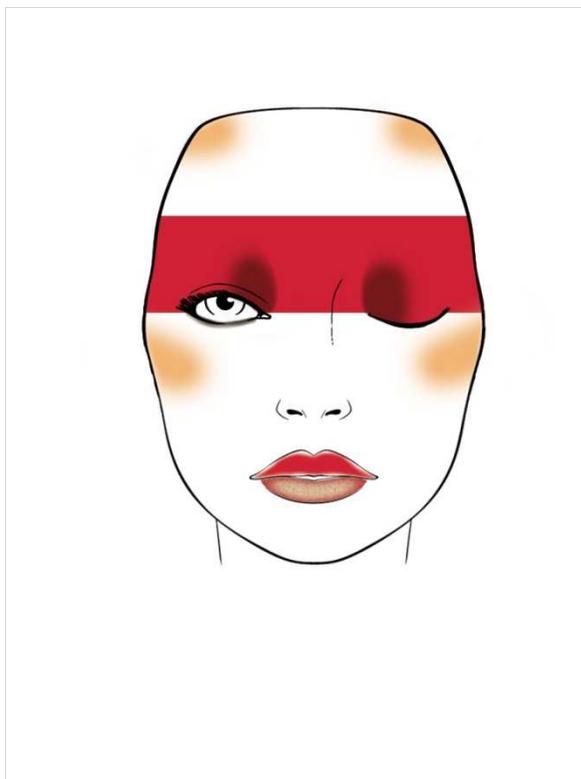
Livros novos:	Autoria	Valor (s/frete)
Sociologia da Moda, 2010	Frédéric Godart	R\$ 27,50
Inventando Moda, 2010	Doris Treptow	R\$ 45,00
O Império do Efêmero, 2010	Gilles Lipovestki	R\$ 27,00
A Roupas e a Moda, 2010	James Laver	R\$ 68,00
Modelagem Industrial Brasileira, 2010	Sonia Duarte/Sylvia Saggese	R\$ 55,70
-----	Subtotal:	R\$ 223,20

	TOTAL GERAL PLANILHA LIVROS:	R\$ 517,60

Planilha	Valor
TECIDOS	R\$ 1.138,58
LIVROS	R\$ 517,60
Total Geral de Despesas:	R\$ 1.656,18

APÊNDICE C – Sugestão de Croqui de Maquiagem para Ensaio Fotográfico

A maquiagem abaixo, para efeito de fotografia de moda, foi pensada a partir de pinturas corporais indígenas: a maquiagem como referência às pinturas de guerra das tribos originais do Brasil.



Pele: base e pó no tom adequado da pele da modelo, blush suave em tom dourado/bronzeado nas maçãs do rosto e têmporas.

Olhos: Sobrancelhas apagadas com corretivo em tom mais claro que a pele da modelo; faixa vermelha em pancake, delineador e máscara para cílios ambos pretos, em aplicação discreta; lápis de olho e máscara para cílios inferiores em tom marrom médio ou preto, também discretos.

Boca: Batom vermelho (tom mais claro que o tom do pancake), aplicado irregularmente com pincel ou dedo, e aplicação generosa de de gloss iluminador; no lábio de baixo purpurina dourada ou tom de ouro velho sobre o batom.

APÊNDICE D – Ensaio Fotográfico







